

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
Curso de Jornalismo

Gabriel Omelischuk

Quando futebol é guerra:
o uso de expressões bélicas na narração
de Pedro Ernesto Denardin

Porto Alegre

2021

Gabriel Omelischuk

Quando futebol é guerra:
o uso de expressões bélicas na narração
de Pedro Ernesto Denardin

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de
Biblioteconomia e Comunicação da
Universidade Federal do Rio Grande
do Sul como requisito parcial para a
obtenção do título de bacharel em
Jornalismo.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sandra de
Deus

Porto Alegre

2021

Dedico esta monografia aos profissionais de futebol de Gravataí-RS e ao Cerâmica Atlético Clube, onde aprendi a amar o futebol e conheci os valores que me permitiram chegar à faculdade e desenvolver essa pesquisa.

AGRADECIMENTOS

O percurso até esse ponto da graduação é árduo e exige uma determinação impossível de conseguir sem ajuda daqueles que estão ao nosso redor fortalecendo nossas estruturas. Por isso, aproveito esse espaço inicial para agradecer aos primeiros construtores dessa base que me permite chegar até aqui. Ao meu pai Mario Omelischuk, minha mãe Margarete Omelischuk e minha irmã Camila Omelischuk, meus mais sinceros agradecimentos pelo apoio incansável e pelo privilégio de estar cercado sempre de ótimos exemplos. Agradeço a minha família no geral, mas especialmente à minha tia Janeti Teles de Moraes, por ceder sua casa para que eu estudasse e trabalhasse em Porto Alegre quando ainda não tinha condição de conseguir isso por minha conta, algo que teve importância imensa na minha continuidade na graduação.

Agradeço também aos responsáveis pelo meu amor imensurável ao futebol, os professores Adriano Martins, Felipe Harzheim e Tinica, todos ligados ao Cerâmica Atlético Clube, onde joguei por mais de 10 anos. Lá aprendi sobre disciplina, sobre ser um líder, sobre persistência, sobre fazer parte de uma equipe, sobre ser o apoio do seu companheiro independente de onde ele veio ou quem ele seja. Esses valores formam a pessoa que sou hoje e moldaram a minha missão de vida dentro do esporte, por isso sou eternamente grato.

Aos amigos Bruno Suarez, Erick Takeda, Diego Rodrigues, Rene Almeida, Lucas Barth e Vitor Jung, agradeço pelos bons momentos na faculdade e por todo companheirismo nessa jornada tão difícil que é a graduação. Agradeço especialmente a Gabriela Plentz e Maria Eduarda Welter, as pessoas que estiveram mais presentes nos momentos que parecia impossível continuar minha trajetória na faculdade. Obrigado pelo incentivo, pelas dicas e principalmente por acreditar no meu potencial.

Por fim, agradeço a todos professores que fizeram parte da minha vida escolar e acadêmica. Sou filho de professora e sei o quanto esses profissionais precisam superar barreiras para fazer o que fazem e mesmo assim são tão pouco valorizados. Meu mais sincero agradecimento e carinho a todos.

RESUMO

A presente pesquisa busca analisar a forma como expressões de origem na linguagem bélica são utilizadas de forma metafórica nas narrações de futebol em rádio, especialmente pelo narrador Pedro Ernesto Denardin, da Rádio Gaúcha. Para isso, foram aplicados métodos analíticos sobre narrações de partidas completas pelo jornalista e também narrações de momentos de gols, para catalogar as expressões bélicas, apontar seus significados e definir padrões e funções de uso. Para chegar a essa resposta, foram utilizados os parâmetros da Análise de Conteúdo descritos por Bardin (2009), para identificar em quais contextos do esporte o narrador recorre às metáforas de guerra e descobrir se existem condições específicas que aumentam a recorrência desse uso. Assim, foram definidos quais termos fazem parte do estilo de narração de Denardin, independente do cenário, e quais são utilizadas de acordo com situações específicas do jogo, em contextos determinantes para sua maior ocorrência. No percurso de pesquisa, conclui-se que as expressões bélicas de estilo usadas pelo narrador servem na sua grande maioria para substituir fundamentos básicos do futebol, ganhando agilidade e clareza no relato, enquanto as metáforas de contexto aguçam a emotividade e o entretenimento da narração. Também foram definidos padrões de aparição das metáforas de contexto de acordo com cenários específicos de competições, fórmula de disputa e rivalidade.

Palavras-chave: Linguagem de guerra no futebol; Narração de futebol no rádio; Jornalismo esportivo; Pedro Ernesto Denardin;

ABSTRACT

The present research tries to analyse the way expressions of belic origins are used metaphorically in radio play-by-play soccer commentary, especially by the commentator Pedro Ernesto Denardin, from Rádio Gaúcha. To that purpose, analytic methods were applied to play-by-play commentaries of entire matches by the journalist and also goals' moments, to catalog belic expressions, point out its meanings, define patterns and functions of use. In order to get to that answer, the parameters of Content Analysis described by Bardin (2009) were used, to identify in which sports contexts the broadcaster uses war metaphors and to discover if there are specific conditions that increase the sound recurrence. Therefore, it was defined which terms are part of Denardin's narration style, unrelated to context, and which are used according to specific game situations, in determining contexts to its occurrence. In the research course, it was concluded that belic expressions of style used by the color commentator serve in its majority to replace basic soccer fundamentals and to develop agility and clarity in the report, as context metaphors sharpen narration emotion and entertainment. It also defined patterns of context metaphors appearance depending on specific competition's cenaries, dispute formula and rivalry.

Key-words: War language in soccer; Soccer play-by-play commentary on radio; sports journalism; Pedro Ernesto Denardin.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Número de jogos analisados por competição	38
Gráfico 2 - Número de jogos analisados por fórmula de disputa	38
Gráfico 3 - Número de gols analisados por competição	43
Gráfico 4 - Número de gols analisados por fórmula de disputa	43

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Metáforas de Guerra no Futebol - Lista de Referências	23-25
Tabela 2 - Uso de Metáforas de Guerra - Narrações Completas	38-39
Tabela 3 - Classificação das Metáforas de Guerra - Narrações Completas	40
Tabela 4 - Aparição de Expressões Contextuais em Narrações Completas	41
Tabela 5 - Uso de Metáforas de Guerra Contextuais - Narração de Gols	43-44
Tabela 6 - Metáforas de Guerra em Gols	45
Tabela 7 - Metáforas de Guerra em Gols - Por Competição	46
Tabela 8 - Metáforas de Guerra em Gols - Por Fórmula de Disputa	49
Tabela 9 - Metáforas de Guerra em Gols - Por Nacionalidade do Adversário	50
Tabela 10 - Metáforas de Guerra em Gols - Mata-mata e final de Libertadores ..	51
Tabela 11 - Metáforas de Guerra em Gols - Em Grenais	52
Tabela 12 - Possíveis Metáforas de Estilo em Contexto de Gol	53

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. AS CATEGORIAS DE BASE: O PERCURSO DA NARRAÇÃO ESPORTIVA DE RÁDIO NO BRASIL	13
2.1 Jornalismo Esportivo no Brasil	13
2.2 Jornada Esportiva no Rádio	16
2.2.1 <i>Do Início à Massificação</i>	16
2.2.2 <i>Fusão de Gêneros</i>	17
2.2.3 <i>A Narração na Jornada Esportiva</i>	19
2.3 A mediação entre campo esportivo e militar	21
2.4 Metáforas de guerra no futebol	23
3. O CAMINHO DO GOL: PERCURSO METODOLÓGICO	26
3.1 O esporte na Rádio Gaúcha	26
3.2 Pedro Ernesto Denardin, o homem GreNal	31
3.3 Metodologia	33
3.4 Análise de Conteúdo	34
4. QUANDO FUTEBOL É GUERRA	37
4.1 Etapas de pesquisa	37
4.2 Narração de partidas completas e as expressões bélicas de estilo	37
4.3 Os padrões em expressões contextuais de guerra	41
5. ANÁLISE TÁTICA: REVELANDO OS PADRÕES DE USO	46
5.1 Testando hipóteses	46
5.2 Quando contexto vira estilo	53
6. PÓS JOGO: AS CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	60

1.INTRODUÇÃO

Em 2018, o Instituto Datafolha realizou e divulgou uma pesquisa a qual apontou que 58% dos brasileiros apresenta algum interesse por futebol, sendo que cerca de 30% dos entrevistados afirmou ter grande interesse pelo esporte. Por ser uma atividade que movimenta uma parcela tão significativa da sociedade brasileira, o futebol é abordado com grande frequência em diversas plataformas de comunicação, sendo que cada uma dessas mídias, como TV, rádio e internet, tem características próprias. Inseridas nesse contexto, as transmissões de jogos de futebol tornaram-se produtos valiosos que são explorados pelos veículos de comunicação e geram grandes números de audiência.

Tratando-se de TV, existe uma grande concorrência entre os canais no que diz respeito a compra dos direitos de imagem das principais competições de futebol que o brasileiro consome, somando ainda os serviços de streaming, que cada vez mais procuram atrações esportivas para suas plataformas. Essa dispersão das partidas em tantos canais diferentes acaba dificultando o acesso de muitas pessoas aos jogos pela televisão, já que diversas dessas opções demandam assinaturas pagas. Partindo desse ponto, podemos definir o rádio como o meio de comunicação de acesso mais facilitado para atender ao interesse em futebol de uma ampla parcela dos brasileiros, um serviço simples e barato, especialmente após a popularização dos rádios de pilha.

A transmissão de jogos de futebol no rádio tem suas particularidades. O consumidor não vê o que acontece em campo, mas imagina a partida através de uma narração com característica descritiva muito forte e repleta de passionalidade. Ainda considerando que o público não enxerga a partida, são necessárias diversas técnicas aos narradores para prender a atenção daquele ouvinte, sendo um deles o uso de expressões que não pertencem ao âmbito do futebol em si, mas que são adaptadas para transformar aquele jogo em algo épico e grandioso ou apenas para facilitar a compreensão dos acontecimentos nas quatro linhas. Dentro desse universo de linguagens externas que a narração esportiva radiofônica se apropria, estão as expressões bélicas. Jogadores se transformam em guerreiros, um atacante se transforma em um matador, um zagueiro se transforma em um general e um jogo

se transforma em uma batalha. Essas expressões são de uso recorrente no contexto da narração futebolística de rádio e no vocabulário dos torcedores brasileiros, por isso consiste também em um importante objeto de estudo.

No Rio Grande do Sul, a emissora de rádio líder em audiência por 6 anos consecutivos é a Rádio Gaúcha¹, a qual tem como principal narrador esportivo Pedro Ernesto Denardin. O radialista nascido em 6 de dezembro de 1950 começou sua carreira transmitindo futebol de várzea em Porto Alegre, mas logo se destacou em um concurso promovido pela Rádio Gaúcha que buscava novos talentos para narração esportiva. Atualmente, Pedro Ernesto Denardin é escalado para os jogos de maior relevância dos clubes do Rio Grande do Sul, com um estilo de narração direcionado ao público gaúcho. Por isso, em grandes momentos de emoção, é comum o narrador utilizar termos fortes associados a linguagem de guerra que configuram um tom épico aos acontecimento do jogo, como um time que “destrói”, “massacra” ou “mata” o outro. Termos esses que, ao mesmo tempo que aguçam a emoção do torcedor, geram questionamentos sobre seu uso em um ambiente futebolístico que é repleto de rivalidades exacerbadas. Com base nessas percepções, esse estudo analisa as jornadas esportivas e as narrações de gols de Pedro Ernesto Denardin em jogos da dupla GreNal para responder o seguinte problema de pesquisa: de que forma Denardin utiliza expressões bélicas em narrações radiofônicas de futebol?

Para chegar a essa resposta, é preciso cumprir alguns objetivos, sendo o mais importante deles, identificar em quais contextos do esporte o narrador recorre às expressões de guerra e quais funções elas cumprem na sua narração. Também são metas deste estudo separar quais dessas metáforas² fazem apenas parte do estilo de narração de Denardin e quais são utilizadas de acordo com situações específicas dos jogos, em contextos determinantes para sua ocorrência. Por fim, serão definidos os significados para cada uma das expressões catalogadas durante a pesquisa e serão comparados métodos de estudo e escolha de material base para

¹ Segundo dados divulgados pelo Ibope Kantar Media em 10/03/2021.

² Metáfora significa, segundo definição da Oxford Languages: “designação de um objeto ou qualidade mediante uma palavra que designa outro objeto ou qualidade que tem com o primeiro uma relação de semelhança (p.ex., ele tem uma *vontade de ferro*, para designar uma *vontade forte*, como o ferro)”.

chegar às conclusões. Ainda que não seja a finalidade deste estudo, acredito que ele possa também ser um ponto de partida para outras pesquisas que busquem entender a influência do uso de metáforas tão agressivas ligadas ao futebol no comportamento de torcedores e da sociedade em geral, considerando o ambiente do esporte que desenvolveu conflitos tão violentos ao longo dos anos.

Estudos como esse são importantes para assegurar que o jornalismo não está agindo contra interesses da sociedade e para que a profissão possa atualizar hábitos que, caso sejam identificados dessa maneira, sejam prejudiciais. Além dessa importância já citada, em busca realizada sobre as expressões bélicas em transmissões esportivas nas plataformas da UFRGS, Puc-RS, Unisinos, USP e do Banco de Teses da CAPES, poucos trabalhos foram encontrados, sendo que nenhum tratava especificamente sobre narrações de rádio.

O segundo capítulo deste estudo apresenta a base teórica necessária para definir os parâmetros que serão utilizados nas análises. Começando pela chegada do futebol ao Brasil, seu processo de desenvolvimento como esporte e como material jornalístico nos veículos de comunicação brasileiros. Na sequência, são abordados os conceitos que definem a jornada esportiva de rádio, suas características, profissionais responsáveis por cada função e as especificidades de atuação do narrador, figura central do estudo. Também é apresentado o conceito de campos sociais, como forma de explicação para o fato das narrações de futebol estarem repletas de metáforas. Por fim, nesse capítulo também é definido o que será considerado como metáfora de guerra nas narrações de futebol no decorrer dessa pesquisa. Para efetivar essa conceitualização, serão apropriados os estudos de Coelho (2004), Soares (1994), Perez (2014), Capinussú (1988), Netto (1980), Silva (2008), Rodrigues (2001) e Abreu (2001).

Prosseguindo com o terceiro capítulo, será desenvolvido o percurso metodológico do estudo, começando pela apresentação dos personagens analisados: a Rádio Gaúcha, com foco especial na relação da emissora com o jornalismo esportivo; e o narrador Pedro Ernesto Denardin, compreendendo sua trajetória na carreira de rádio e seu estilo de narração. Ainda nesse capítulo é descrita a metodologia que será utilizada no desenvolvimento da pesquisa e como

ela será aplicada. Aqui foram consultadas as obras de Ferraretto (2006, 2012, 2013), Dalpiaz (2002), Glienke (2012) e Bardin (2009).

O quarto capítulo compreende as etapas de análise do material base colhido para a pesquisa. Primeiro é descrito detalhadamente todo corpus da pesquisa e seu método de seleção, para depois prosseguir na catalogação das expressões de guerra utilizadas nas narrações de Pedro Ernesto e sua devida classificação seguindo os conceitos da Análise de Conteúdo. Após esse processo, foram levantadas hipóteses e possibilidades de padrões que são testadas ainda no mesmo capítulo para responder o problema e alcançar os objetivos já citados da pesquisa. São determinantes para esse capítulo as obras de Ferraretto (2016) e Perez (2014), finalizando a análise e tirando as devidas conclusões.

2. AS CATEGORIAS DE BASE: O PERCURSO DA NARRAÇÃO ESPORTIVA DE RÁDIO NO BRASIL

2.1 Jornalismo esportivo no Brasil:

Apesar de haver registros da prática do futebol no Brasil em meados de 1885, foi somente após a chegada de Charles Miller a São Paulo, em 1894, que o esporte começou seu processo de desenvolvimento. Filho de ingleses, Miller trouxe da Europa materiais e regras necessários para uma primeira organização da prática futebolística no Brasil, a qual iniciou restrita às classes mais altas da sociedade paulista e começou a figurar sem aprofundamento nas páginas da imprensa daquele estado.

Ainda em um contexto no qual o remo era o esporte mais popular no Brasil, as práticas esportivas não eram vistas com potencial para receber destaque nos jornais.

A rigor, imaginava-se que até mesmo o remo, o esporte mais popular do país na época, jamais estamparia as primeiras páginas de jornal. Assunto menor. Como poderia uma vitória nas raias - ou nos campos, nos ginásios, nas quadras - valer mais do que uma importante decisão sobre a vida política do país? (COELHO, 2004, p.7-8)

No início do século XX, em São Paulo, o jornal *Fanfulla*, direcionado à comunidade italiana instalada na cidade, foi um dos precursores da imprensa a dedicar-se ao futebol. O periódico chegou a estampar páginas inteiras sobre o esporte, além de, através de um aviso publicado, convidar seu público a fundar o clube que mais tarde se transformaria na Sociedade Esportiva Palmeiras, uma das potências entre times do cenário brasileiro³. No mesmo período, a imprensa do Rio de Janeiro abria mais espaço ao futebol, dando destaque aos jogos dos maiores times da região. Em 1931, em terras cariocas, foi fundado o *Jornal dos Sports*, citado por Coelho (2004) como o primeiro diário que se dedicou exclusivamente aos esportes no Brasil, mas a realidade das redações da época não favorecia o sucesso

³ O Palmeiras é o clube com maior número de títulos do Campeonato Brasileiro de Futebol até então, de acordo com a Confederação Brasileira de Futebol, além de somar o maior número de títulos nacionais.

desse tipo de periódico. Diversas revistas e jornais de esportes surgiram e fecharam em pouco tempo. Existia a ideia de que, ao tornar o futebol relevante na imprensa, o leitor passaria a ir ao estádio e por isso teria menos dinheiro para comprar as publicações.

Dirigir redação esportiva queria dizer tourear a realidade. Lutar contra o preconceito de que só os de menor poder aquisitivo poderiam tornar-se leitores desse tipo de diário. [...] De fato, menor poder aquisitivo significava também menor poder cultural e conseqüentemente ler não constava em nenhuma lista de prioridades. (COELHO, 2004, p.9)

Também em 1931, outra etapa importante para o crescimento da imprensa esportiva no Brasil foi iniciada. Nicolau Tuma, locutor da Rádio Sociedade Educadora Paulista, realizou a primeira narração lance a lance ao vivo de uma partida de futebol. A transmissão do jogo entre as seleções dos estados de São Paulo e Paraná, válido pelo Campeonato Brasileiro de Futebol, introduziu a prática ao radiojornalismo nacional, um marco para começar também o processo de popularização do esporte. Apenas a partir da segunda metade dos anos 60, o Brasil passou a ter cadernos esportivos mais expressivos e em maior número, com destaque para o Caderno de Esportes, em São Paulo, o qual apostava na publicação de grandes reportagens. Essa expansão tem como um dos motivos determinantes o desempenho da seleção brasileira de futebol, que conquistou as copas do mundo de 1958 e 1962.

Outra ferramenta responsável por enraizar o futebol na vida dos brasileiros foi a crônica esportiva, com grande destaque para Nelson Rodrigues na década de 50. O cronista trabalhou nas redações de muitos jornais, incluindo o Correio da Manhã, o Jornal dos Sports e O Globo. Nelson Rodrigues descrevia os acontecimentos das partidas com muito romance e dramaticidade, utilizando repetidamente os recursos de metáforas que até hoje fazem parte do vocabulário dos torcedores e da imprensa futebolística. Nessa linguagem metafórica, o cronista utilizava o recurso do vocabulário de guerra, como no trecho a seguir, retirado do texto O mais belo futebol da Terra, escrito para o jornal O Globo, que descreve a ida da seleção brasileira ao México para disputa da Copa do Mundo de 1970

Quando o escrete partiu levando vaias jamais cicatrizadas, vários jornais fizeram uma sinistra impostura. A seleção ia para a **guerra**. Uma Copa é uma guerra de foice no escuro. (RODRIGUES, 2013, p. 87)

Graças a imprecisão dos seus relatos, as crônicas de Nelson Rodrigues não são consideradas práticas jornalísticas por muitas pessoas. O escritor, inclusive, era míope e não enxergava muitas das jogadas que descrevia. Apesar disso, a forma como o cronista trouxe uma alta carga de drama ao esporte ajudou a construir o imaginário do brasileiro sobre os atletas, as seleções e os clubes. O romance e a dramaticidade vindas da crônica passaram a estar presentes nas demais plataformas do jornalismo esportivo, principalmente no rádio. Por ser um meio que não dispõe de imagem, os profissionais do rádio precisam recorrer a técnicas para manter a atenção e o interesse do seu público, além de transmitir emoção, sendo uma dessas técnicas o uso das metáforas. Essa prática é comum entre os narradores de futebol.

A narração do jogo é o centro do espetáculo proporcionado pelo rádio esportivo. Para enriquecê-la, os locutores investem na criação de códigos de fácil compreensão por quem tenha um conhecimento prévio do futebol. Com essa linguagem repleta de expressões muitas vezes engraçadas e redundantes, eles recriam o ambiente e os movimentos da partida, acrescentando-lhes entusiasmo e multiplicando suas emoções. (SOARES, 1994, p.61)

A partir dos anos 70, é possível perceber um processo de mudança na postura da imprensa ao tratar de futebol. Segundo Coelho (2004), a imprecisão dos relatos diminuiu consideravelmente graças ao compromisso dos veículos de comunicação em informar com veracidade. A crônica esportiva passou a relatar os fatos do jogo sem a paixão que figurava nos textos de Nelson Rodrigues. Essa mudança diminuiu a mística que envolvia os protagonistas das grandes conquistas no futebol e tornou semelhante a mídia esportiva ao jornalismo convencional.

A noção de realidade que o jornalismo esportivo carrega nos tempos atuais torna a cobertura esportiva tão brilhante quanto qualquer outra no jornalismo. O ponto chave é que, muitas vezes, tal cobertura exige mais do que noção da realidade (COELHO, 2004, p. 22)

Apesar dessa mudança no contexto geral do jornalismo esportivo, a dramaticidade e o romance se mantiveram em algumas áreas dentro desse gênero. A transmissão das partidas, seja ela pela linguagem de rádio ou de TV, ainda utiliza o tom épico na narração para aguçar as emoções do torcedor e transformar aquele produto em algo mais atraente. No rádio gaúcho, narradores como Pedro Ernesto Denardin e Orestes de Andrade são exemplos de profissionais que recorreram aos relatos apaixonados das partidas durante a sua carreira, mas, diferente das crônicas de Nelson Rodrigues, dedicados também a relatar ao torcedor de forma verídica o que está acontecendo em campo.

2.2 Jornada esportiva no rádio

2.2.1 Do início à massificação

Como citado anteriormente, a primeira transmissão lance a lance de um jogo de futebol em uma rádio brasileira foi comandada por Nicolau Tuma, da Rádio Sociedade Educadora Paulista, em 1931, dando início a uma prática que anos mais tarde se espalharia pelo país. Apesar desse avanço partindo da iniciativa de Nicolau Tuma, o contexto geral da radiodifusão brasileira nessa época era incerto.

O veículo de comunicação ainda parecia uma novidade exótica e mal começara a procura de uma linguagem própria do meio. Predominavam a improvisação e o amadorismo. (SOARES, 1994. p. 17)

Graças a essa falta de linguagem própria, o jornalismo no rádio aparecia normalmente na leitura de notícias que haviam sido publicadas nos veículos impressos, seguidos de comentários feitos pelos locutores. Da mesma forma, o noticiário esportivo começou seguindo esse padrão, quando a Rádio Educadora transmitiu os resultados de jogos de futebol de São Paulo e do exterior em abril de 1925 pela primeira vez.

Com o futebol já incluso nas pautas do radiojornalismo, mas sem aprofundamento, o próximo passo era a profissionalização do jornalismo esportivo. Como destaca Soares (1994), na década de 30, as rádios tentavam se desligar do amadorismo e do elitismo, o que era uma tarefa difícil, já que as emissoras eram

financiadas por grupos de associados e por isso precisavam ter sua programação voltada para essa elite. Em 1932, através do Decreto 21.111 do governo federal, foi autorizada a veiculação de publicidade no rádio, o que incentivou uma reformulação das emissoras para que deixassem de atingir apenas a elite de associados e buscassem uma programação para o público de massa. O decreto ainda instituiu dispositivos de fiscalização por parte do governo federal, o qual passava a distribuir concessões para o funcionamento das rádios e tinha o poder de encerrar as mesmas caso julgasse necessário. Conforme Soares (1994), com as características do governo centralizador do Brasil na época, a transmissão de esportes foi uma das alternativas encontradas pelas rádios para aumentar a audiência e, assim, atrair anúncios publicitários, ao mesmo tempo que não envolvia questões políticas que poderiam resultar no fim das concessões.

Nesse novo contexto de busca por audiência e pela preferência popular, cresce a importância do narrador e a busca por profissionais cada vez mais qualificados nessa função.

Nesse confronto, o locutor esportivo é a peça mais importante e por isso o grito de gol se torna muito caro para a rádio que quer em seus quadros um profissional conhecido do público. Eles são disputados com propostas e contratos milionários. (SOARES, 1994. p. 96)

Mesmo que a base da irradiação de eventos esportivos em tempo real ainda siga os parâmetros iniciados por Nicolau Tuma, ou seja, um relato informativo lance a lance do que acontece no gramado, a competitividade por audiência e patrocinadores adicionou diversos elementos novos a essa prática. Foi dada a largada para um processo de aperfeiçoamento da jornada esportiva, tanto nos aspectos técnicos do jornalismo quanto na importância que o entretenimento passava a significar.

2.2.2 Fusão de gêneros

É complexo encaixar a jornada esportiva de rádio em um gênero jornalístico específico, já que ela apresenta elementos de diversas práticas e a participação de

profissionais com especialidades diferentes. Por isso, a transmissão de eventos esportivos é considerada uma fusão de gêneros.

El narrador elabora un contenido informativo en directo y realiza una crónica de lo que sucede mientras son entrevistados los jugadores y, además, se elabora un informe estadístico de los equipos que suele preceder a un editorial de la emisora al respecto (PÉREZ, 2014. p. 40)

Para entender cada um desses momentos, considero a obra de Pérez (2014), autor que cita quatro gêneros diferentes na jornada esportiva: a opinião e interpretação, a entrevista, as estatísticas e o relato. Cada um desses gêneros está diretamente ligado à função de um profissional específico.

A opinião e interpretação é de responsabilidade do comentarista, que é especializado em analisar os aspectos técnicos e táticos do jogo, além de opinar sobre os mesmos. A entrevista fica a cargo do repórter de campo ou de arquibancada, e consiste em buscar o relato daqueles que integram o ambiente de jogo, como atletas, membros da comissão técnica e torcedores. As estatísticas são os dados de apoio e normalmente também são de responsabilidade de um repórter específico. Já o relato é o gênero cujo responsável é o narrador, a figura principal desta pesquisa, por isso é importante um aprofundamento maior. Consiste em uma combinação entre notícia e crônica, ou seja, o narrador informa aquilo que está acontecendo em campo ao mesmo tempo que interpreta o que aquele acontecimento interfere no decorrer da partida. Essa interpretação não é aprofundada, mas é o que instiga os assuntos para os comentaristas analisarem de forma mais detalhada.

Cada acción suele ir acompañada de una interpretación posterior sobre su belleza, o sobre cuál es el grado de inspiración del futbolista o de la zona defensiva; se produce así una concatenación de noticia y crónica que se prolonga constantemente y mediante un ritmo trepidante, poco dado al respiro y a la autonomía de géneros (PÉREZ, 2014. p. 42)

É importante analisar que a condução da jornada esportiva pela linguagem do narrador tem impacto tanto no ouvinte quanto nos outros profissionais. Ao comparar um zagueiro com um general, por exemplo, não só o público interpreta isso de

acordo com suas referências individuais, mas também instiga o comentarista a falar sobre o assunto, ao mesmo tempo que incentiva o repórter responsável pelas estatísticas a buscar dados que reforcem essa comparação, como número de bloqueios, roubos de bola e faltas cometidas por aquele atleta. Essa condução do narrador é feita através da linguagem, sendo essencial entender as características desse elemento empregado na irradiação esportiva.

2.2.3 A narração na jornada esportiva

Todo meio de comunicação tem suas características próprias que interferem na forma que os profissionais vão se comunicar através dele. Isso é ainda mais relevante ao analisarmos uma transmissão de eventos dinâmicos em tempo real e sem imagem, que é o caso do rádio.

Las características particulares del medio influyen notablemente sobre el lenguaje al ponerle determinados obstáculos intrínsecos al producto. Por su propio funcionamiento, se necesita de una rapidez y agilidad para informar sobre los acontecimientos deportivos (PÉREZ, 2014. p. 94)

Pérez (2014) reforça que há pouco tempo para o uso de palavras rebuscadas ou de frases longas na transmissão. Dessa forma, os narradores recorrem a diversos tipos e estilos de linguagem para se adaptar a essas condicionantes da comunicação por rádio, tanto para conseguir passar a mensagem verídica do acontecimento em campo, quanto para manter o público interessado e entretido.

O linguajar diferente do comunicador esportivo tem motivos vários, que vão desde a necessidade de fugir ao comum, imprimindo à expressão verbal um significado conotativo, até a incessante luta pela conquista de maior audiência. Este fato leva, inclusive, à necessidade de atrair ouvintes através da auto-afirmação capaz de criar uma terminologia às vezes inédita, que caracterize a busca da marca pessoal de cada comunicador (CAPINUSSÚ, 1988. p. 15)

É nesse contexto que entra a criatividade do narrador, os jargões, as diferentes entonações e as figuras de linguagem, por exemplo. Para uma análise mais profunda, utilizo os conceitos de Soares (1994), que classifica a irradiação esportiva em duas categorias: a Escola Denotativa e a Escola Conotativa.

Na Escola Denotativa, os narradores se limitam aos signos denotativos, ou seja, como define Netto (1980, p.24), “o primeiro significado derivado do relacionamento entre um signo e seu objeto”. Utilizando exemplos claros dentro do futebol, um chute forte na bola nunca seria chamado de “uma bomba” nessa escola, ou uma defesa difícil do goleiro não seria chamada de “um milagre”, pois essas expressões têm outros significados diretamente ligados à elas antes de servir como uma alegoria aos lances do futebol. Para esse estilo de narração, Soares (1994) cita como exemplos os locutores Nicolau Tuma e Rebelo Júnior.

Já na Escola Conotativa, os narradores são caracterizados por uma enorme liberdade para o uso de signos conotativos, os quais, segundo Netto (1980, p.24), colocam em evidência “significados segundos que vêm agregar-se ao primeiro naquela mesma relação signo/objeto”. Trazendo novamente para o mundo futebolístico, um atacante pode ser chamado de “matador” por ter um aproveitamento alto na relação entre número de finalizações e gols marcados. O primeiro significado da relação entre a palavra matador e um sujeito remete a alguém que tira a vida, mas na linguagem conotativa a relação considerada é secundária, nesse caso, alguém muito eficiente nos chutes a gol. Soares (1994) destaca como representantes dessa escola os narradores Geraldo José de Almeida, Fiori Gigliotti e Osmar Santos.

O uso dos signos conotativos pode ser apenas um recurso de estilo em algumas ocasiões, mas também é utilizado como técnica para facilitar a compreensão dos acontecimentos da partida pelo público. Como definido anteriormente, o meio do rádio exige velocidade e simplicidade na fala do narrador, por isso as metáforas podem ser um caminho para o entendimento mais rápido de algumas situações, desde que o ouvinte tenha as referências do que realmente significa aquela expressão na gíria do futebol.

Narração esportiva de futebol, no rádio, tem características próprias, que vão além do improviso natural, como a utilização de metáforas, apócopes, a velocidade e a forma como as palavras são pronunciadas. Há marcadores lingüísticos que contribuem para fluência narrativa e o entendimento do interlocutor que acompanha as transmissões, seja no carro, em casa, ou no próprio estádio. Conhecedor da dinâmica de uma partida de futebol, o ouvinte/interlocutor tem condições de entendimento dos enunciados realizados pelo narrador. (SILVA, 2008, p. 44)

Por exemplo, quando um jogador desfere um chute muito forte na bola, o narrador pode usar a expressão “soltou a bomba”, que é uma forma mais curta de se comunicar e tem significado conhecido dentro da cultura do futebol. Por isso é comum o uso de jargões de diversas esferas da sociedade, como expressões religiosas, médicas, policiais, de outras modalidades esportivas e também as expressões bélicas.

Situáramos el código bélico como uno de los más utilizados debido a la importación de numerosas expresiones procedentes del mundo militar, que ayudaron especialmente a la difusión del deporte, por la misma naturaleza del deporte que, en muchos casos, enfrenta a dos equipos o jugadores (PÉREZ, 2014. p. 105-106)

Assim, com uma complexa combinação de técnicas para cativar o público através da emoção e criatividade, adaptar a transmissão à mídia do rádio e informar os fatos de campo de forma verídica e clara, é construída a linguagem do narrador na jornada esportiva.

2.3 A mediação entre campo esportivo e militar

Considerando a existência de uma esfera pública, que consiste em um ambiente onde normas de linguagem e comportamento são criadas e mantidas na sociedade, os campos sociais são fragmentações que surgem dentro desse contexto amplo, cada um com suas regras e sentidos próprios, como, por exemplo, o campo religioso, o campo militar e o campo esportivo. Conforme Rodrigues (2001), mesmo com regras e funções próprias, essas esferas menores se relacionam umas com as outras e têm dimensões que muitas vezes se misturam. O campo religioso, por exemplo, exerce atuação em decisões políticas e sua linguagem é empregada na comunicação oficial de diversos governos, mesmo não sendo essa a sua esfera original. Essas relações podem ser tanto conflituosas quanto de aliança, e podem mudar de acordo com o contexto social. Na pesquisa em questão, a importância de entender o que são campos sociais e como se relacionam está no fato da narração esportiva, ou seja, o campo esportivo, utilizar a linguagem de outro campo, o militar.

Segundo Rodrigues (2001), o que institui e legitima um campo social são os chamados rituais, que consistem nos atos de linguagem, discursos e práticas daquele grupo em específico. No caso das expressões de guerra utilizadas na narração esportiva, existe uma apropriação desses rituais por parte do narrador através de metáforas, esquecendo em parte o significado original e configurando um sentido renovado.

A força da forma simbólica que os gestos e os discursos rituais adquirem quando apropriadas por um campo social alimenta-se precisamente do fosso entre a funcionalidade originária esquecida e a ritualização a que se prestam (RODRIGUES, 2001, p. 146)

Entendendo o que são campos sociais, aprofundo o estudo do campo social da comunicação, chamado também de campo dos media. Rodrigues (2001) define a comunicação como a mediadora das relações entre os demais campos sociais, permitindo tanto a pluralidade quanto a coexistência dessas esferas. Por ser um campo de mediação entre tantos conjuntos diferentes, a comunicação muitas vezes recorre à renovação de expressões instituídas pelos grupos dominantes da antiguidade, já que as mesmas são de grande conhecimento dos campos em geral, assumindo significados que se relacionam aos originais, mas com sentidos modificados.

A componente mais habitual deste fundo mítico provém, por conseguinte, das instituições antigas, em particular do religioso, do guerreiro, do familiar, do político, do jurídico e do científico. É a partir deste seu retorno ao campo dos media que os mais antigos mitos são hoje relançados no espaço público” (RODRIGUES, 2001, p. 153)

Portanto, o campo dos media, por meio da rádio e do comunicador, renova as expressões militares para utilizá-las em outro campo, o esportivo, servindo como mediador entre esses dois grupos e ressignificando a linguagem de guerra para o ambiente do futebol e seus acontecimentos. Para entender como esse fenômeno se aplica e o porquê dessa renovação de expressões, destaco os conceitos descritos por Abreu (2001), que aponta três principais recursos utilizados pelos narradores de futebol no rádio para estimular o imaginário do ouvinte. O primeiro deles é o da identificação, que consiste no uso de uma linguagem que faça parte do vocabulário

popular do seu ouvinte, como as expressões de guerra já consagradas na cultura da sociedade. Na sequência, o autor aponta o recurso da visualização, que consiste na construção de um imaginário para o público que não está efetivamente vendo o jogo de futebol, mas sim construindo esse ambiente através das palavras do narrador. Por fim, o terceiro tópico apontado é o da velocidade, que consiste no ritmo frenético e a musicalidade adotados pelos narradores para manter a emoção no seu discurso. Esses três recursos são importantes para entender os motivos para o uso de metáforas na narração de rádio, pois elas podem ser utilizadas tanto para descrição mais efetiva do que está acontecendo em campo, quanto para elevar a emoção da narração na jornada esportiva.

2.4 Metáforas de guerra no futebol

Para dar prosseguimento a pesquisa, é preciso definir o que serão consideradas como expressões bélicas ou metáforas de guerra aplicadas no futebol. Será considerada toda linguagem conotativa que faça alusão a guerra, combate, morte, armas, civilizações guerreiras, exércitos e patentes do exército, com objetivo de ilustrar ou interpretar elementos do jogo de futebol.

A partir de dados bibliográficos, em audições de transmissões de rádio e TV, e contatos pessoais com comunicadores esportivos profissionais, Capinussú (1988) reuniu os 434 vocábulos ou expressões conotativas mais utilizadas em transmissões de futebol no Brasil. Partindo dessa seleção, faço o recorte das metáforas de guerra.

Metáforas de guerra no futebol - Lista de referências

(Continua)

Expressões e vocábulos	Significado denotativo	Significado conotativo
Armador	Indivíduo que arma.	Jogador que prepara a jogada para seus companheiros de ataque.

Metáforas de guerra no futebol - Lista de referências

(Continua)

Expressões e vocábulos	Significado denotativo	Significado conotativo
Arqueiro	Aquele que guerreia com arcos.	Goleiro.
Artilharia	Parte do material bélico (Ex.: canhões).	Situação do atleta que faz mais gols em uma partida ou campeonato, o "artilheiro".
Assassino	Indivíduo que mata.	Jogador violento.
Balaço	Tiro de bala.	Chute forte.
Baleado	Indivíduo ferido à bala.	Jogador machucado ou portador de lesão crônica.
Blitz	Bombardeio aeroterrestre a um alvo.	Sucessão de ataques de um mesmo time contra a defesa adversária.
Bomba	Projétil com carga explosiva; Máquina para fazer circular fluidos.	Chute forte.
Bombardeio	Ato de lançar bombas ou projéteis de artilharia.	Sucessão de chutes contra a meta adversária em um mesmo ataque.
Canhão	Peça de artilharia.	Chute forte.
Carnificina	Matança, extermínio.	Jogo violento.
Cartucho	Acessório de munição.	Ataque de uma equipe nos últimos lances de jogo; "último cartucho".
Cidadela	Fortaleza situada em lugar estratégico, que domina e protege uma cidade.	Local de atuação do goleiro.
Contenda	Combate, guerra.	Jogo.
Desarme	Tirar a arma de alguém.	Tomar a posse da bola.
Esquadra	Conjunto de navios de guerra.	Elenco, escalação.

Metáforas de guerra no futebol - Lista de referências

(Conclusão)

Expressões e vocábulos	Significado denotativo	Significado conotativo
Fuzilar	Matar com arma de fogo.	Chutar com força.
General	Posto do exército.	Zagueiro sério e firme, que comanda a defesa.
Inimigo	Adversário hostil.	Jogador ou time adversário.
Matar (a bola)	Assassinar.	Controlar a bola.
Matar (o jogo)	Assassinar.	Definir uma vitória ou classificação.
Morto	Quem morreu.	Jogador muito cansado.
Peleja	Combate, briga.	Jogo muito disputado.
Petardo	Engenho explosivo, bomba.	Chute forte.
Tanque	Veículo de guerra.	Jogador muito forte.
Tiro	Ação ou efeito de atirar.	Chute forte.

Essa lista serve de referencial para o entendimento do que será considerado uma metáfora de guerra na pesquisa, o que não configura como regra. Ou seja, palavras e expressões que não estejam na tabela, mas que correspondem aos requisitos descritos, também serão consideradas como metáforas de guerra. Expressões e variantes que remetem a guerra, mas que são citadas explicitamente nas regras oficiais do futebol brasileiro⁴, como ataque, defesa, capitão e tiro de meta, não farão parte da análise.

⁴ De acordo com Regras do Futebol 2020/2021, publicado pela Confederação Brasileira de Futebol com autorização da FIFA.

3. O CAMINHO DO GOL: PERCURSO METODOLÓGICO

3.1 - O esporte na Rádio Gaúcha

Para abordar a narração de Pedro Ernesto Denardin como objeto de pesquisa, é preciso entender o contexto jornalístico em que essa narração está inserida. Por isso, torna-se essencial estudarmos a relação entre a Rádio Gaúcha, emissora na qual o narrador exerce sua função, e o jornalismo esportivo.

Fundada em 1927 com o nome de Rádio Sociedade Gaúcha, a emissora teve início em uma Porto Alegre ainda desinteressada pelas transmissões radiofônicas. Após a Rádio Sociedade Rio-grandense falhar na primeira experiência de uma emissora no estado, segundo Ferraretto (2006), um pequeno grupo de entusiastas manteve interesse no meio do rádio, principalmente por acompanhar as bem sucedidas experiências em São Paulo e em Buenos Aires, na Argentina. Foi esse grupo que começou um plano de organização para que Porto Alegre tivesse novamente uma estação transmissora.

Em uma espécie de manifesto-convocação, intitulado *Por que não possuirá Porto Alegre a sua estação de radiodifusão?* e publicado no *Correio do Povo* em duas partes, nos dias 29 de janeiro e 8 de fevereiro de 1927, eles tentam reverter as expectativas pessimistas geradas pelo insucesso da Rádio Sociedade Rio-grandense. [...] Mais do que isto, procuram provar que Porto Alegre possuía então amplas condições para manter a programação de uma emissora. (FERRARETTO, 2006. Acesso online)

Dessa forma, unindo o jornal *Correio do Povo*, responsável pelo conteúdo informativo da nova emissora, e diversas contribuições artísticas e culturais do Conservatório de Música e da Banda Municipal de Porto Alegre, nasceu a Rádio Sociedade Gaúcha. Conforme Dalpiaz (2002), “a inserção do futebol na programação radiofônica gaúcha acontece quase que paralelamente à sua implantação”, tendo como marco inicial das jornadas esportivas no estado a transmissão da partida entre o Grêmio Football Porto-alegrense e a Seleção do Paraná. O jogo foi narrado por Ernani Ruschel e transmitido pela Rádio Sociedade Gaúcha no dia 19 de novembro de 1931, começando assim uma história repleta de pioneirismos da emissora nas jornadas esportivas do estado. Apesar da importância

histórica do acontecimento, a transmissão foi amadora, com muita dificuldade técnica e o narrador pouco conhecia os nomes dos atletas e até as regras básicas do esporte.

Já no final da década de 30, aconteceu outro evento importante na trajetória da Rádio Sociedade Gaúcha no jornalismo esportivo. A emissora contrata Oduvaldo Cozzi, que havia trabalhado na Rádio Nacional, no Rio de Janeiro. Cozzi foi responsável por revolucionar a narração de futebol no estado, aproximando-se de um profissionalismo e introduzindo novos elementos à jornada esportiva.

As transmissões de jogos até então se limitavam a informar o nome do jogador que conduzia a bola, com os intervalos preenchidos com música. Cozzi inaugurou a narração lance a lance na qual descrevia as jogadas que aconteciam em campo, além de ocupar o espaço entre um tempo e outro com comentários. (DALPIAZ, 2002. p. 58)

Em meados de 1944, a Rádio Sociedade Gaúcha novamente fez história no estado ao realizar a primeira transmissão de uma partida de futebol fora do Rio Grande do Sul. O confronto entre as seleções dos estados do Rio Grande do Sul e do Paraná foi narrado por Farid Germano, ainda com muitas dificuldades técnicas. Como cita Dalpiaz (2002), o locutor não tinha retorno algum do seu áudio, por isso narrava sem ao menos ter conhecimento se a transmissão estava chegando em Porto Alegre.

A década de 40 foi importante para a Rádio Gaúcha não apenas pelo marco histórico da transmissão em Curitiba, mas também por um crescimento financeiro que possibilitou a consolidação da emissora no jornalismo esportivo. Foi nessa época que a publicidade começou a ganhar força no rádio gaúcho. Na segunda metade da década, a Brahma assumiu o controle da Cervejaria Continental e buscou apoio no rádio para se firmar no mercado do Rio Grande do Sul.

Algo comum décadas depois, a associação de uma marca de cerveja às transmissões esportivas era uma novidade no rádio naquele final dos anos 1940. E acabaria impulsionando o trabalho da Gaúcha nesta área. (FERRARETTO, 2013. Acesso online)

Graças a essa parceria que, segundo Dalpiaz (2002), ofereceu capital para a Gaúcha irradiar onde fosse preciso, em 14 de maio de 1949 a emissora foi

responsável pela primeira transmissão internacional de futebol do Rio Grande do Sul. A partida entre Nacional do Uruguai e Grêmio foi narrada diretamente de Montevideu por Cândido Norberto dos Santos. Apesar de estar a frente em tantos marcos históricos, a Rádio Sociedade Gaúcha enfrentava uma disputada concorrência por audiência com outras emissoras, como a Rádio Difusora e a Rádio Farroupilha, ainda ficando atrás das suas rivais.

A chegada da TV ao Brasil em 1950, centrada na figura de Assis Chateaubriand, não foi apenas o início da trajetória dessa nova mídia no país, mas também um elemento que afetaria as estratégias e o consumo do rádio nacional.

Quando a TV é introduzida no país através da TV Tupi-Difusora, de São Paulo, até a segunda metade da década de 1960, momento em que este novo meio passa a dominar a captação de verbas publicitárias, altera-se significativamente a conformação do rádio brasileiro. De fato, as emissoras enfrentam uma crise que não envolve redução de audiência e faturamento. Perde o espetáculo para todos - as novelas, os humorísticos e os programas de auditório -, que, acrescido de imagem, migra para a televisão. (FERRARETTO, 2012. p.13)

Portanto, a introdução da TV em terras nacionais é o marco inicial do que Ferraretto (2012) chama de fase de segmentação do rádio, na qual as emissoras radiofônicas passam a buscar audiência em parcelas específicas da população, e não mais buscar apenas o público da grande massa como um todo.

Uma vez que as empresas radiofônicas começaram a encarar o fato de que a televisão lhes havia usurpado seu posto como distribuidores de entretenimento geral para as massas, começaram a experimentar novos formatos e descobriram que, coletivamente, podiam abordar por fragmentos o seu público anterior, formulando fortes chamamentos a frações determinadas da população. (HONAN, 1981 apud FERRARETTO, 2012)

Essa migração de conteúdo e audiência não foi a única determinante para as mudanças que viriam a acontecer na programação das emissoras de rádio. Ferraretto (2012) cita dois fatores importantes nesse processo: a disseminação dos receptores transistorizados e o aumento do número de estações em frequência modulada, conhecida como FM. A transistorização permitiu a disseminação dos rádios de pilha, o que possibilitava ao ouvinte levar a programação consigo a

qualquer lugar, algo que não era possível de fazer com o aparelho de TV. Já na perspectiva do comunicador, os receptores transistorizados tornaram mais fácil a mobilidade na transmissão no local dos acontecimentos. O crescimento no número das estações FM ampliou o alcance das transmissões e foi determinante na mudança do conteúdo das rádios. Tornou-se comum um mesmo empresário ter estações em AM e FM, por isso, “quase ao natural, obriga-se a oferecer conteúdos diferenciados em uma e outra, fugindo da ilógica possibilidade de concorrer com si próprio” (FERRARETTO, 2012).

Outra característica importante da fase de segmentação do rádio, como explica Ferraretto (2012), foi o predomínio dos conglomerados comunicacionais que operavam sob propriedade cruzada, ou seja, empresas que detinham diversos veículos e emissoras de comunicação, conseguindo chegar aos mais diferentes fragmentos do público. Aconteciam também alianças entre as emissoras hegemônicas no âmbito nacional e regional, como acontece até hoje com a RBS TV e a Rede Globo, por exemplo. Foi nesse contexto que, em 3 de julho de 1957, a Rádio Sociedade Gaúcha foi adquirida por Maurício Sirotsky Sobrinho e Arnaldo Ballvé, passando a fazer parte do Grupo RBS, o qual desenvolveu novos métodos de gestão empresarial nas suas emissoras e deu origem ao conglomerado de comunicação que reunia rádio, televisão e jornal. “Enquanto isso, os concorrentes permaneceram ligados aos padrões empresariais das primeiras décadas do século, resultando na estagnação, seguida de declínio” (DALPIAZ, 2002).

Como citado anteriormente, o esporte foi uma das segmentações exploradas pelas rádios para continuarem ativas e se adequarem ao novo modelo de comunicação que o cenário político brasileiro exigia, incluindo a Rádio Gaúcha, que adotou uma programação jornalística e esportiva. As emissoras que escolheram esse segmento passaram a investir no aperfeiçoamento técnico, a procurar profissionais mais qualificados e a competir com as rádios rivais na busca por coberturas de grandes eventos esportivos para atrair mais ouvintes. Analisando essas iniciativas de segmentação, a Rádio Guaíba, inaugurada em 1957, conquistou grande notoriedade no jornalismo esportivo gaúcho ao transmitir diretamente da Suécia a Copa do Mundo de 1958, vencida pelo Brasil da dupla Pelé e Garrincha. Na edição posterior do mundial, em 1962, a Rádio Gaúcha segue os passos da sua

concorrente e envia ao Chile seus narradores Willy Gonzer e Antônio Carlos Resende para transmitir a competição, o que se repetiria nas próximas edições do torneio. As vitórias nas copas de 58, 62 e 70 aumentaram o interesse do brasileiro pelo futebol, tornando o segmento do esporte cada vez mais relevante nas programações.

No início da década de 70, enquanto a Rádio Guaíba se consolidava como um sucesso de audiência com o público do futebol, o esporte na Rádio Gaúcha, segundo Dalpiaz (2002), vivia um momento difícil. A emissora precisou, inclusive, acabar com as transmissões esportivas por um período. Isso aconteceu para evitar prejuízos financeiros, já que não haviam patrocinadores dispostos a investir nas coberturas dos jogos, um reflexo também da superioridade de audiência das transmissões da Guaíba. O fato que começaria a mudar esse panorama aconteceu em 1971, quando Cândido Norberto apresentou à Rádio Gaúcha uma proposta para adaptar o seu programa de TV para a rádio, o Sala de Redação. O programa era ancorado pelo próprio Cândido Norberto, que conversava diretamente da redação com editores do jornal Zero Hora e convidados trazidos por ele. O Sala ia estrategicamente ao ar no mesmo horário do Correspondente Renner, programa de notícias da Rádio Guaíba, e seu sucesso permitiu a volta do futebol nos microfones da Gaúcha.

A Gaúcha não conseguiu por muito tempo abdicar das transmissões esportivas, pois amparada no sucesso e na repercussão junto aos ouvintes do Sala de Redação, criado por Cândido Norberto, o departamento de esportes da Gaúcha voltou a funcionar algum tempo depois. (DALPIAZ, 2002. p. 122)

Dalpiaz (2002) cita a contratação de Ruy Carlos Ostermann para a chefia do departamento de esportes da Rádio Gaúcha, em 1978, assim como a instalação de um transmissor mais potente, que aumentou o alcance das ondas sonoras da emissora, como acontecimentos importantes para a Gaúcha começar a ganhar o espaço ocupado pela Guaíba. Em 1986, a Rádio Gaúcha se consolidou como líder no mercado esportivo no Rio Grande do Sul com a transmissão da Copa do Mundo do mesmo ano.

Dessa forma, a Gaúcha construiu a base da sua programação que segue até hoje: uma rádio de jornalismo que aposta também nos programas e coberturas esportivas. Um estilo que consagrou a emissora como líder de audiência geral no Rio Grande do Sul nos últimos 6 anos consecutivos.

Esse resultado é considerado ainda mais expressivo porque o primeiro lugar do ranking radiofônico, em outras regiões metropolitanas como Rio ou São Paulo, costuma ser ocupado por emissoras musicais. O desempenho é fruto de uma estratégia colocada em prática ao longo desses 60 meses: a combinação entre a tradicional precisão jornalística com a modernização de programas clássicos, como o célebre Sala de Redação e a criação de novas atrações como o Timeline, buscando sempre uma maior agilidade e proximidade com o público. (GAÚCHA, 2020)

A Rádio Gaúcha une uma grande relevância histórica no jornalismo esportivo do estado, sendo pioneira em diversos marcos citados neste capítulo, com a liderança de audiência seguidamente repetida na atualidade. A linguagem utilizada nas jornadas esportivas de uma rádio com um alcance tão grande pode ser também um elemento que auxilia na construção da forma como os ouvintes entendem e reagem ao esporte.

3.2 - Pedro Ernesto Denardin, o homem GreNal

Nascido em 6 de dezembro de 1950, Pedro Ernesto Denardin teve seu primeiro contato com a Rádio Gaúcha através de um concurso promovido pela emissora para encontrar novos talentos, em 1974. Foi finalista do concurso entre os 32 participantes, mas o escolhido para a vaga de narrador foi Nilton Azambuja, enquanto Pedro foi aproveitado em outra emissora do Grupo RBS, a Rádio Farroupilha, onde foi repórter, narrador e apresentador. Após 6 meses, Denardin foi transferido para a Gaúcha onde reforçou a equipe de narradores da emissora.

Desde então, construiu uma carreira de muita relevância no jornalismo esportivo gaúcho, participando da cobertura de 11 Copas do Mundo, desde 1978. Narrou os títulos da Libertadores da América⁵ do Internacional em 2006 e 2010, e do

⁵ Torneio continental de maior relevância entre clubes na América do Sul.

Grêmio em 2017. Também foi o narrador da conquista do Mundial de Clubes⁶ do Internacional, em 2006. Foi colunista do jornal Diário Gaúcho, atualmente é colunista da Zero Hora e é escalado para narrar os principais jogos do futebol gaúcho. Também é o apresentador do Sala de Redação, o programa de rádio mais antigo do Brasil que ainda está no ar.

Além da carreira marcante como um dos profissionais mais influentes e notáveis no jornalismo esportivo de rádio, Pedro é conhecido pelo estilo de narração “bem humorado e ousado, como ele mesmo gosta de definir” (GLIENKE, 2012). Suas narrações incisivas, direcionadas ao público gaúcho e com muitos recursos de figuras de linguagem, são um objeto importante de pesquisa sobre as metáforas na transmissão de futebol no rádio brasileiro. Em 2006, trabalhando pela Gaúcha na primeira partida da final da Libertadores da América entre Internacional e São Paulo, Pedro Ernesto utilizou diversos recursos de linguagem para transmitir emoção após narrar o segundo gol de Rafael Sóbis, incluindo expressões que remetem a um combate e a morte do adversário.

O Inter liquida o São Paulo. O Inter rasga a camisa do São Paulo e pisa em cima dela. O Inter humilha o campeão do mundo. O campeão do mundo **destroçado** pelo futebol do Internacional. Um campeão do mundo que **começa a morrer definitivamente** nas cores vermelha e branca do time colorado.

Em outra oportunidade, Denardin utilizou as metáforas de guerra para se referir ao elenco do Grêmio após o segundo gol marcado contra o São Paulo, anotado por Diego Souza no segundo confronto das oitavas de final da Libertadores da América de 2007.

Imortal Grêmio, da alma castelhana, **o Exército Espartano**. Força, luta, garra, determinação. O Grêmio está liquidando e fritando o São Paulo dentro do Estádio Olímpico.

As expressões “destroçar” e “morrer” configuram um tom épico ao acontecimento, da mesma forma que relacionar times a exércitos historicamente

⁶ Torneio disputado entre os clubes campeões de cada continente, o mais cobiçado pelos clubes brasileiros.

conhecidos pela participação em guerras é uma forma de transmitir o sentimento de dedicação máxima pela vitória. Ao mesmo tempo, o uso dessa linguagem instiga a pensar sobre o uso dessas expressões em um ambiente com rivalidades tão exacerbadas como é o futebol, seja no campo ou nas arquibancadas. Esses elementos fazem parte marcante da narração de Pedro Ernesto Denardin, por isso, nos próximos capítulos, colocarei em prática os métodos necessários para buscar um entendimento mais aprofundado a respeito do uso dessas metáforas pelo narrador.

3.3 Metodologia

Como adiantado nas páginas anteriores, o objeto dessa pesquisa são as narrações de Pedro Ernesto Denardin em jogos da dupla GreNal pela Rádio Gaúcha. A escolha foi determinada pela relevância histórica e atual no cenário do jornalismo esportivo de rádio, tanto da emissora quanto do profissional.

Esse estudo nasceu acerca de uma reflexão própria como ouvinte, especialmente de jornadas esportivas. A linguagem bélica como metáfora dentro do futebol está enraizada inclusive em termos oficiais das regras do jogo, mas como é a apropriação dessa linguagem pelos narradores? Por quais motivos eles se utilizam desse recurso em algumas partidas e em outras não? Partindo dessa reflexão ainda vaga e ampla, este estudo busca responder o seguinte problema: de que forma o jornalista Pedro Ernesto Denardin utiliza expressões bélicas em narrações radiofônicas de futebol? Como objetivo geral de pesquisa, busco identificar em quais contextos do esporte e com qual função o narrador recorre às expressões de guerra, descobrindo se existem condições específicas que aumentem a recorrência desse uso. Já os objetivos específicos do estudo são classificar as metáforas bélicas de Pedro Ernesto em expressões de guerra de estilo, aquelas que fazem parte do seu vocabulário de narração independente de contexto, e expressões de guerra contextuais, as quais são específicas de uma situação própria, além de apontar os significados no ambiente do futebol de todas expressões catalogadas. Também serão comparados métodos de pesquisa para chegar a essas respostas.

O trabalho se enquadra como uma pesquisa quantitativa, visto que foram analisadas e catalogadas as metáforas de guerra utilizadas em 15 jogos completos e mais 84 gols avulsos da dupla GreNal narrados por Pedro Ernesto, levando em consideração diferentes competições, fases de torneio, resultados favoráveis ou desfavoráveis, entre outros contextos. Essas expressões foram contabilizadas para determinar padrões e levantar hipóteses que serão testadas no decorrer do estudo. Também se enquadra no âmbito qualitativo, pois identifiquei a função das metáforas no contexto da narração e cenários específicos que aumentam a incidência de metáforas de guerra nas transmissões de Pedro Ernesto.

3.4 Análise de conteúdo

Antes de entender exatamente o que é a técnica da análise de conteúdo, é importante conhecer o seu objetivo. Segundo Bardin (2009), são duas grandes finalidades: a superação da incerteza e o enriquecimento da leitura. Superar o incerto significa, nesse contexto, confirmar se o que eu interpreto de uma mensagem realmente está presente, é válido e generalizável. Já o enriquecimento da leitura é, através de uma leitura mais atenta, aumentar a produtividade e a pertinência “pela descoberta de conteúdos e estruturas que confirmam (ou infirmam) o que se procura demonstrar a propósito das mensagens” (BARDIN, 2009). Com esses objetivos em vista, Bardin (2009) separa a análise de conteúdo em 3 fases: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados e interpretação.

A pré-análise é descrita como uma fase de organização, onde acontece “a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação de hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final” (BARDIN, 2009). Na pesquisa em questão, o material na fase de pré-análise foi selecionado seguindo o que é descrito por Bardin (2009) como regra da pertinência, que consiste na escolha de materiais adequados enquanto fonte de informação para a análise específica. A partir disso, é possível criar hipóteses e analisar a veracidade delas. Foram selecionadas narrações completas de Pedro Ernesto Denardin em jogos da dupla GreNal no período de 04/02/2020 a 26/08/2020, e também narrações de gols da dupla GreNal pelo mesmo narrador em diversas épocas, ambos formatos

compreendendo campeonatos de fórmulas de disputa diferentes (mata-mata⁷ e pontos corridos⁸), de regiões diferentes (estadual, brasileiro e continental) e em etapas diferentes (fase de grupos, fases eliminatórias e finais). Essa seleção foi feita para definir se é possível identificar um padrão de uso das expressões bélicas de acordo com o contexto de jogo e competições. Trataremos esse material separado como corpus da pesquisa a partir de agora.

A fase de exploração do material “não é mais do que a aplicação sistemática das decisões tomadas” (BARDIN, 2009), enumerando, codificando ou decompondo em função de regras previamente formuladas. Nessa pesquisa, seguirei os princípios da categorização.

A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo gênero (analogia), com os critérios previamente definidos. As categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos [...] sob um título genérico, agrupamento esse efectuado em razão das características comuns destes elementos. (BARDIN, 2009. p. 145)

Partindo desse princípio, na pesquisa em questão classificam-se as expressões bélicas presentes no corpus nas seguintes categorias: Expressões de guerra de estilo do narrador e Expressões de guerra contextuais do narrador, e todas serão aprofundadas no decorrer do estudo. Essa separação servirá como teste para a hipótese de que o contexto de uma partida de futebol interfere no uso de expressões bélicas pelo narrador Pedro Ernesto Denardin, não necessariamente de forma consciente e premeditada.

Na terceira fase, o tratamento dos resultados e interpretação, é quando os dados recolhidos recebem um significado. Segundo Bardin (2009), são realizadas operações estatísticas para chegar a um resultado e ressaltar o valor das informações.

⁷ Fórmula de disputa na qual os clubes se enfrentam em jogos eliminatórios. Se perder é eliminado e se vencer se classifica para a próxima fase.

⁸ Fórmula de disputa na qual os clubes pontuam de acordo com o resultado, sendo o mais comum o vencedor receber 3 pontos, times que empatam somarem 1 ponto e derrotas não somarem pontos. No fim do campeonato ou fase, quem tem mais pontos é campeão ou classifica para a próxima fase.

O analista, tendo à sua disposição resultados significativos e fiéis, pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos -, ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas. (BARDIN, 2009. p. 127)

É nesse momento que será feita a análise de quais metáforas de guerra são apenas um recurso de estilo da narração de Pedro Ernesto Denardin, quais aparecem apenas em contextos específicos do jogo e também possíveis outras descobertas do processo.

4. QUANDO FUTEBOL É GUERRA

4.1 Etapas de pesquisa

A pesquisa em questão será dividida em duas partes: a análise da narração de jogos completos por Pedro Ernesto Denardin, para delimitar quais são suas metáforas de guerra de estilo a partir da repetição das mesmas independente de qualquer contexto; e a análise da narração de gols por Denardin, para verificar se as metáforas de guerra contextuais estão mais presentes nesses momentos e também identificar se existem cenários específicos do futebol que possam aumentar a recorrência desse uso.

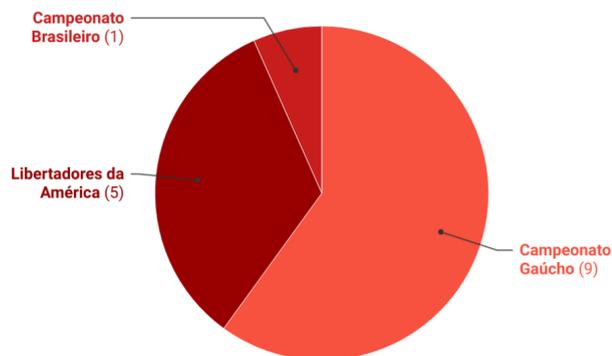
4.2 Narração de partidas completas e as expressões bélicas de estilo

Começando pela análise da narração de jogos completos, o primeiro passo para o avanço do estudo é delimitar mais precisamente o corpus a ser utilizado nessa primeira etapa. Foram ouvidas na íntegra as narrações de 15 partidas da dupla GreNal no comando de Pedro Ernesto Denardin, desconsiderando o pré-jogo, o intervalo e o pós-jogo, com objetivo de catalogar todas expressões bélicas utilizadas pelo radialista durante as partidas. Os jogos em questão foram disputados no período de 04/02/2020 à 26/08/2020, incluindo partidas das competições Copa Libertadores da América, Campeonato Brasileiro e Campeonato Gaúcho; e das fórmulas de disputa pontos corridos, mata-mata e final. Os jogos analisados foram os descritos abaixo:

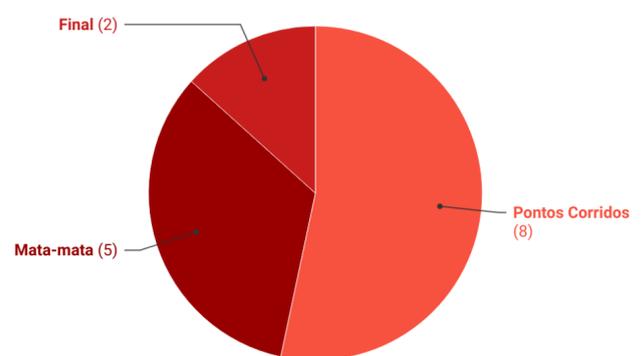
- **04/02/2020** - Universidad de Chile 0 X 0 Internacional
- **11/02/2020** - Internacional 2 X 0 Universidad de Chile
- **15/02/2020** - Internacional 0 X 1 Grêmio
- **26/02/2020** - Internacional 1 x 0 Desportes Tolima
- **03/03/2020** - Internacional 3 X 0 Universidad Católica
- **08/03/2020** - Internacional 2 X 0 Brasil de Pelotas
- **12/03/2020** - Grêmio 0 X 0 Internacional

- **15/03/2020** - Grêmio 3 X 2 São Luíz
- **22/07/2020** - Internacional 0 X 1 Grêmio
- **26/07/2020** - Grêmio 1 X 1 Ypiranga
- **29/07/2020** - Internacional 2 X 0 Aimoré
- **02/08/2020** - Grêmio 4 X 3 Novo Hamburgo
- **05/08/2020** - Grêmio 2 X 0 Internacional
- **16/08/2020** - Fluminense 2 X 1 Internacional
- **26/08/2020** - Caxias 0 X 2 Grêmio

JOGOS ANALISADOS - POR COMPETIÇÃO



JOGOS ANALISADOS - POR FÓRMULA DE DISPUTA



Após análise das narrações, foi identificado o uso de 17 metáforas de guerra diferentes. Somando todas as recorrências, foram contabilizadas 198 expressões bélicas nessas narrações de Pedro Ernesto Denardin. Na tabela a seguir, foram descritas todas elas, com sua recorrência (número de vezes que apareceram), a média de uso de expressão por jogo e o significado dessas metáforas no futebol.

Uso de metáforas de guerra - Narrações completas

(Continua)

Expressões	Recorrência	Média (Expressão/Jogo)	Significado
Desarme/Desarmado	77	5,13	Roubo de bola.
Bomba	68	4,53	Chute forte.

Uso de metáforas de guerra - Narrações completas

(Conclusão)

Expressões	Recorrência	Média (Expressão/Jogo)	Significado
Foi atacado	15	1,00	Sofreu uma tentativa de roubo de bola.
Combatido	12	0,80	Sofreu uma tentativa de roubo de bola.
Lutou/Lutam (com adversário)	6	0,40	Disputa acirrada pela bola.
Bola explodiu (na barreira/goleiro)	5	0,33	Impacto de um chute forte.
Blitz	3	0,20	Sucessão de ataques.
Tiro	3	0,20	Chute forte.
Armado defensivamente	1	0,07	Time com postura defensiva.
Batalha (pela bola)	1	0,07	Disputa acirrada pela bola.
Bola foi massacrada	1	0,07	Jogada com nível técnico baixo.
Chute mortal	1	0,07	Chute forte.
Esses rapazes vão morrer	1	0,07	Não vão suportar a pressão do adversário.
Fuzilou (o goleiro)	1	0,07	Chutou forte.
Matador	1	0,07	Jogador com grande número de gols.
Morreu (a bola)	1	0,07	Saiu do campo.
Não deu trégua	1	0,07	Não deu chance para o adversário.

A partir da tabela apresentada, foram definidas como expressões de estilo de Pedro Ernesto Denardin todas metáforas utilizadas pelo menos 3 vezes nos 15 jogos analisados. O restante foi classificado como expressões contextuais.

Classificação das metáforas de guerra - Narrações completas

Expressões de Estilo	Expressões Contextuais
Blitz	Armado defensivamente
Bola explodiu (na barreira/goleiro)	Batalha (pela bola)
Bomba	Bola foi massacrada
Combatido	Chute mortal
Desarme/Desarmado	Esses rapazes vão morrer
Foi atacado	Fuzilou (o goleiro)
Lutou/Lutam (com adversário)	Matador
Tiro	Morreu (a bola)
	Não deu trégua

Criado com Datawrapper

Essa divisão de categorias permite perceber que a maioria das expressões de estilo estão conectadas a fundamentos do futebol (roubo de bola, bloqueio, chute e marcação), podendo ser explicada sua alta recorrência como um possível artifício do narrador para facilitar a descrição de um lance. O termo “desarmado”, por exemplo, quando é usado no contexto do futebol, explica rapidamente a ação do jogador ter a posse da bola roubada, cumprindo a função de buscar um melhor encaixe nas características dinâmicas e aceleradas da transmissão em rádio. Determinadas as expressões de estilo, sigo adiante para estudar os padrões das metáforas de contexto.

4.3 Os padrões em expressões contextuais de guerra

Após definir quais são as expressões de estilo narradas por Pedro Ernesto, outros indícios permitem criar hipóteses sobre as expressões contextuais. Foi identificado que a aparição de termos dessa classificação pode se repetir seguindo alguns padrões.

APARIÇÃO DE EXPRESSÕES CONTEXTUAIS EM NARRAÇÕES COMPLETAS

Contextos	Nº de Aparições
Em Gols	5 de 9 (55,55%)
Em Mata-mata	5 de 9 (55,55%)
Em Libertadores da América	4 de 9 (44,44%)

Created with Datawrapper

Os dados acima não são definitivos para chegar a uma conclusão de padrões, mas indicam um caminho para responder às hipóteses que serão testadas no decorrer da pesquisa. Além dessa amostragem, também foram considerados alguns conceitos já estabelecidos no decorrer do estudo como parâmetro para deduções. Nesse caso, o fato de um dos motivos para os narradores recorrerem às metáforas ser a transmissão de emoção ao ouvinte, é possível deduzir que o tipo específico de expressões contextuais seja mais utilizado em situações de maior emotividade do esporte, como gols, fases eliminatórias de competições, finais, clássicos regionais e campeonatos de maior importância.

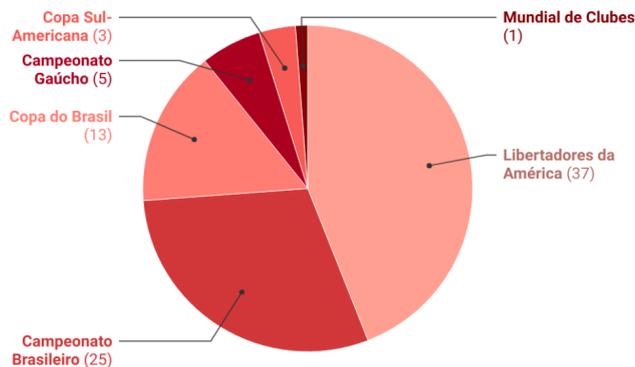
Hablar de la emotividad y la intensidad en una retransmisión significa ejemplificarlo con el canto del gol. Es el elemento máximo, el gran objetivo, el punto culminante de cualquier retransmisión de fútbol en radio. (PÉREZ, 2014. p. 80)

Para verificar ou descartar os padrões no uso das expressões contextuais por Pedro Ernesto Denardin, foram selecionadas narrações de 84 gols da dupla GreNal, compreendidas entre os anos de 2001 e 2017. Partindo da busca por momentos de emotividade de Internacional e Grêmio narrados pelo profissional em questão, a primeira parte da seleção foi realizada nas conquistas dos títulos mais importantes de ambos os times que contaram com a narração de Denardin. Foram selecionados os gols das finais das edições da Libertadores da América de 2006 e 2010, da final do Mundial de Clubes de 2006 e da segunda final da Copa Sul-Americana de 2008, todos torneios conquistados pelo Internacional. Também foram escolhidos os gols das finais da Libertadores da América de 2017 e das finais da Copa do Brasil de 2001 e 2016, vencidas pelo Grêmio. Após essa primeira leva de gols, foram escolhidas partidas dos mesmos campeonatos, mas de fases anteriores, buscando compreender tanto gols na disputa de mata-mata quanto disputa de pontos corridos, para que a análise não perca sua confiabilidade. Portanto, foram escolhidos gols narrados por Pedro Ernesto Denardin de diferentes fases e fórmulas de disputa, mas nos mesmos torneios. Uma terceira seleção foi feita aleatoriamente em jogos do Campeonato Brasileiro das edições de 2009 e 2015, nos quais respectivamente Internacional e Grêmio tiveram boas campanhas, com motivo de incluir na análise o campeonato de pontos corridos mais importante para os clubes brasileiros. Por fim, foram selecionados os gols de 3 clássicos GreNal para o corpus desta etapa.

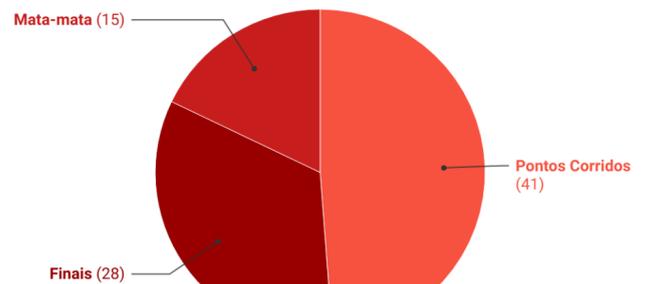
CRITÉRIOS PARA SELEÇÃO DOS GOLS

- 1º.** Marcados nas finais dos títulos mais importantes da dupla GreNal.
- 2º.** Marcados em fases anteriores à final dos títulos mais importantes da dupla GreNal, incluindo fase de grupos e mata-mata se possível.
- 3º.** Marcados em campeonatos brasileiros dos anos de 2009 e 2015, edições com boas participações da dupla GreNal.
- 4º.** Marcados em clássico GreNal.

GOLS ANALISADOS - POR COMPETIÇÃO



GOLS ANALISADOS - POR FÓRMULA DE DISPUTA



Foram analisados 84 gols marcados em 31 jogos, com o objetivo de verificar se o uso de metáforas de guerra por Pedro Ernesto Denardin muda de acordo com diferentes cenários do futebol, além de comparar os números de aparições de expressões de estilo com as expressões de contexto. Ao todo, foram catalogadas 42 metáforas de guerra, sendo 28 delas contextuais.

Uso de metáforas de guerra contextuais - Narrações de gols

(Continua)

Expressão	Significado no contexto
Amassando (o treinador adversário)	Anulando a estratégia adversária
Arrancar o pescoço (do time adversário)	Eliminar da competição
Caindo no chão e apodrecendo (o time adversário)	Adversário sendo eliminado da competição
Chute mortal	Chute muito forte
Começa a morrer (o time) definitivamente	Time sendo eliminado da competição
Cravar sua bandeira	Conquistar um título de determinada região
Despedaçar (a defesa adversária)	Acabar com a retranca do adversário
Destroçado/Destroçar (o time) *	Time goleado ou eliminado de competição

Uso de metáforas de guerra contextuais - Narrações de gols

(Conclusão)

Expressão	Significado no contexto
Destrói (o time adversário)	Goleia o time rival
Detonação	Chute muito forte
Estraçalhando (o time adversário)	Eliminando adversário de competição
Estrangulado (o time adversário)	Adversário sendo eliminado da competição
Excursão	Viagem da torcida para um jogo fora de casa
Exército Espartano	Time com muita garra em campo
Explosivo (o jogador)	Jogador com chute muito forte
Fuzila	Chuta muito forte
General	Comandante da defesa
Massacre	Goleada
Matador	Atacante que faz muitos gols
Matar (o time adversário)	Eliminar da competição
Morrer (a bola) dentro da rede *	Bola entrar no gol
O homem-bomba *	Jogador com chute muito forte
Peleja	Disputa intensa pela bola
Sendo abatido (o time) *	Perdendo título ou sendo goleado
Triturava (o time)	Pressionava no campo de ataque

* A expressão "Destroçado/Destroçar (o time) foi utilizada em três narrações diferentes. As outras expressões marcadas foram utilizadas em duas narrações diferentes.

Criado com Datawrapper

Na tabela a seguir, estão os números gerais colhidos na análise dos gols selecionados, incluindo a média de expressões de guerra no total, a média de expressões de estilo usadas e a média de expressões contextuais usadas.

METÁFORAS DE GUERRA EM GOLS - médias por gol

Média de Expressões de Guerra	Média de Expressões de Estilo	Média de Expressões de Contexto
0,50	0,14	0,36

Criado com Datawrapper

A primeira afirmação que pode ser feita é que, para analisar expressões de estilo, a narração completa é a melhor fonte de informação, enquanto na análise de expressões contextuais, o melhor método é buscar os dados nas narrações de gols. Ao analisar a narração completa das 15 partidas, foram utilizadas por Pedro Ernesto Denardin 198 metáforas de guerra, sendo apenas 9 contextuais, o que corresponde a apenas 4,54% das aparições. Já na análise de gols, de 42 aparições de metáforas de guerra, 30 foram contextuais, configurando 71,43% do total. Determinadas essas afirmações, o estudo prossegue para definir se, como levantado de forma hipotética anteriormente, Pedro Ernesto utiliza mais expressões contextuais de guerra em jogos de mata-mata e Libertadores da América. Além disso, é possível perceber que, independente de qualquer análise de formato ou competição, em geral os gols narrados por Pedro Ernesto apresentam média maior de expressões contextuais do que as de estilo.

5. ANÁLISE TÁTICA: REVELANDO OS PADRÕES DE USO

5.1 Testando hipóteses

O primeiro possível padrão de uso das metáforas contextuais de guerra por Denardin será revelado a partir da relação entre as expressões bélicas presentes nas narrações de gols e as competições nas quais aconteceram esses feitos. Por isso, os 84 gols analisados foram separados em categorias por competição e foram calculadas as médias de expressões de guerra usadas na totalidade, de expressões de estilo usadas e de expressões contextuais usadas. Foram consideradas as 3 competições com número de gols relevante para análise, sendo elas o Campeonato Brasileiro, a Copa do Brasil e a Libertadores da América.

METÁFORAS DE GUERRA EM GOLS - POR COMPETIÇÃO

Médias por gol

Competição	Média de Expressões de Guerra	Média de Expressões de Estilo	Média de Expressões de Contexto
Libertadores da América	0,70	0,27	0,49
Campeonato Brasileiro	0,32	0,08	0,24
Copa do Brasil	0,23	0,08	0,15

Os dados nessa comparação revelam que o uso de expressões de guerra por Pedro Ernesto em gols da Libertadores da América é maior do que nas demais competições nas duas categorias determinadas para esta pesquisa, entretanto, para real compreensão dos dados, é importante destacar as características de cada uma dessas competições. O Campeonato Brasileiro é disputado por 20 clubes do cenário nacional (considerando apenas a primeira divisão) em formato de pontos corridos do início ao fim, no qual cada clube joga duas vezes contra cada um dos 19 adversários, ou seja, são 38 partidas ao todo para cada time. Vitórias somam 3 pontos, empates somam 1 ponto e derrotas não somam pontos. Ao final das 38

rodadas, o clube com mais pontos é determinado campeão e os 6 primeiros colocados conquistam uma vaga para disputar a Copa Libertadores da América⁹. Já a Copa do Brasil é um torneio que envolve 92 times brasileiros, disputado inteiramente no formato mata-mata, e o campeão conquista também uma vaga para a Copa Libertadores da América¹⁰. Cada fase é disputada em 2 jogos contra o mesmo adversário, e somando os 2 resultados, o vencedor segue adiante. Já a Copa Libertadores da América é um torneio híbrido que envolve equipes da América do Sul e do México, e começa em uma fase eliminatória apelidada no Brasil de “pré-libertadores”. Os 4 clubes que vencem essa etapa juntam-se a outros 28 na fase de grupos, na qual os clubes são divididos em 8 grupos com 4 integrantes, que jogam entre si no formato pontos corridos. Em cada grupo, 2 clubes se classificam para as oitavas de final, quando o torneio volta a ser disputado em formato mata-mata até definir um campeão, que conquista uma vaga no Mundial de Clubes da FIFA¹¹.

Analisando apenas a descrição das competições, já é possível determinar que a Copa Libertadores da América é um torneio mais relevante para os clubes do Brasil, visto que os outros 2 campeonatos tem como um dos seus prêmios a chance de disputar esse torneio. Além disso, os clubes brasileiros enfrentam adversários estrangeiros que têm na característica do seu futebol e das suas torcidas um estilo aguerrido, intenso e às vezes até violento, o que cria a atmosfera comparada constantemente com uma guerra, especialmente na cultura dos clubes argentinos e uruguaios. Por fim, o próprio nome Libertadores da América é uma referência aos líderes nacionais responsáveis pela independência das nações sul-americanas, muitas delas através da guerra.

Com 8 votos a favor e um contra (Uruguai), além da abstenção da Venezuela, a CSF resolveu, por maioria de votos, a criação da Copa dos Campeões (assim foi chamada). Logo depois da sessão do congresso entre 27 e 30 de agosto de 1959 presidido por Fermín Sorhueta (Uruguai) foi decidido que a competição se chamaria “Libertadores da América”, em homenagem aos heróis que cimentaram a criação das nações sul-americanas. (CONMEBOL, 2020)

⁹ Considerando a edição de 2021 do Campeonato Brasileiro.

¹⁰ Considerando a edição de 2021 da Copa do Brasil.

¹¹ Considerando a edição de 2021 da Copa Libertadores da América.

A própria história e o nome da competição estão conectados ao contexto de guerra. Juntando isto ao fato do campeonato ser o segundo de maior relevância que um clube brasileiro pode disputar, atrás apenas do Mundial de Clubes, é justificável que a carga emocional de uma partida de Libertadores da América seja, na maioria das vezes, elevada em comparação às competições nacionais citadas, assim como a narração dos gols que acontecem nela. Importante ressaltar aqui a conexão já descrita nas páginas anteriores entre a emoção de uma partida e a recorrência de metáforas de guerra.

Na voz do narrador, uma partida ganha emoção e o caráter quase ficcional de uma contenda, na qual o gramado transforma-se hipoteticamente, em campo de batalha e um gol ou uma defesa habilidosa em momento de heroísmo extremo. (FERRARETTO, 2016, p. 154).

Ainda analisando as médias de metáforas de guerra por competição, é possível que o Campeonato Brasileiro tenha uma média baixa justamente pela sua fórmula de disputa. É um formato que privilegia os clubes mais consistentes durante a temporada, mas por outro lado, reduz a carga emocional dos jogos e a importância de cada partida separadamente. Uma situação comum, por exemplo, é um clube ser campeão perdendo uma partida, como aconteceu na edição de 2020, quando o Flamengo foi derrotado pelo São Paulo na última rodada e por conta da combinação de resultados manteve-se na liderança. Situações como essa, além de muitos clubes privilegiarem as copas que acontecem paralelamente e utilizarem elencos reservas nas partidas do Campeonato Brasileiro, reduzem a carga emocional dos jogos e podem contribuir para a menor aparição de metáforas de guerra contextuais em gols. Já sobre a Copa do Brasil, os números baixos de expressões bélicas podem ter relação com a falta da atmosfera citada anteriormente quando foi descrita a Copa Libertadores da América, criada pela conexão histórica da competição com as guerras e pela disputa entre clubes de países diferentes. Além disso, Internacional e Grêmio costumam começar a Copa do Brasil já na fase de oitavas de final, o que acontece com os clubes que disputam a Copa Libertadores da América do mesmo ano. É possível supor que esse “atalho” no percurso para o título reduza o perfil épico da campanha e sua dramaticidade relatada.

Para colocar a prova algumas das hipóteses levantadas após a análise por competição, será feita a análise por fórmula de disputa e por nacionalidade dos adversários. Por isso, seguindo os mesmos parâmetros, calculo as médias de expressões de guerra totais, de expressões de estilo usadas e de expressões contextuais usadas separando-as primeiro de acordo com o formato de disputa.

METÁFORAS DE GUERRA EM GOLS - POR FÓRMULA DE DISPUTA

Médias por gol

Fórmula	Média de Expressões de Guerra	Média de Expressões de Estilo	Média de Expressões de Contexto
Mata-mata	0,93	0,40	0,57
Finais	0,57	0,11	0,46
Pontos Corridos	0,29	0,07	0,22

Criado com Datawrapper

Nos dados analisados do corpus de 84 gols, existe uma incidência maior de metáforas de guerra em todas categorias nos formatos de mata-mata e final se comparados aos pontos corridos. Esse padrão pode ser uma consequência da emotividade maior nos formatos vencedores da comparação, já que são partidas nas quais um gol pode significar um título, uma eliminação ou uma classificação, enquanto no formato de pontos corridos tanto uma vitória quanto uma derrota podem não ter significado no final da competição. Estando as expressões de guerra contextuais conectadas muitas vezes à transmissão de emoção, faz sentido que estejam mais presentes em gols de fórmulas mata-mata e finais.

La importancia de los hechos y los acontecimientos también determina el grado de emotividad: no significa que un partido intrascendente deba contarse con desinterés, sino que un gran momento requiere una manera especial de contarlo. El primer partido de la Eurocopa 2012 [...] debía ser relatado con suma emoción por el narrador, pero la gran final del torneo necesita de una emotividad aún mayor. (PÉREZ, 2014. p. 81)

Com a maior recorrência no uso das metáforas de guerra por Denardin em Libertadores da América, é essencial também considerar o aspecto da nacionalidade dos adversários da dupla grenal nos gols analisados, já que entre as três competições da comparação esse era o único torneio internacional. Agora, somam-se à análise os jogos da Copa Sul-Americana e do Mundial de Clubes, além de repartir os jogos da Libertadores da América entre brasileiros e estrangeiros. Como citado anteriormente, a cultura sul-americana do futebol é conhecidamente de um estilo intenso, ríspido e até violento às vezes, aspectos que podem aproximar um jogo de futebol das características de uma batalha. Abaixo estão as médias de metáforas de guerra na totalidade e nas duas categorias definidas para pesquisa, separando as 84 narrações do corpus em gols contra estrangeiros e contra brasileiros. Ao todo, foram 51 gols analisados contra times nacionais e outros 33 contra clubes internacionais.

METÁFORAS DE GUERRA EM GOLS - POR NACIONALIDADE DO ADVERSÁRIO

Médias por gol

	Média de Expressões de Guerra	Média de Expressões de Estilo	Média de Expressões de Contexto
Contra Estrangeiros	0,67	0,27	0,40
Contra Brasileiros	0,39	0,06	0,33

Criado com Datawrapper

Ainda que haja uma superioridade na média de expressões de contexto contra estrangeiros, a diferença não é significativa se comparada com as outras análises feitas até aqui. No aspecto de recorte por competição, a maior média de metáforas contextuais foi de 0,49 por gol, enquanto a segunda maior foi de 0,24, ou seja, menos da metade. Na análise por fórmula de disputa, as duas maiores médias de expressões de contexto foram de 0,57 e 0,46, enquanto a terceira foi de apenas

0,22, também configurando menos da metade das outras duas. Por esses fatores descritos, é possível considerar que a nacionalidade do adversário em si não é determinante para uma maior recorrência de metáforas contextuais por Denardin.

Por fim, para confirmar a veracidade dos resultados encontrados até então e ilustrar esses conceitos, foram separadas as médias de expressões de guerra totais, de expressões de estilo usadas e de expressões contextuais usadas nos gols de Libertadores da América em fases mata-mata e final. Se encaixam nessa categoria 21 dos 84 gols do corpus.

METÁFORAS DE GUERRA EM GOLS - EM MATA-MATA E FINAIS DE LIBERTADORES DA AMÉRICA

Médias por gol

Média de Expressões de Guerra	Média de Expressões de Estilo	Média de Expressões de Contexto
1,05	0,33	0,72

Criado com Datawrapper

Esses dados confirmam que, nesse tipo de cenário específico, Pedro Ernesto Denardin utiliza mais expressões contextuais de guerra ao narrar gols do que em outros. Também é possível afirmar que essa configuração descrita na tabela é a única testada na pesquisa que chega a ultrapassar a média de uma metáfora de guerra utilizada por gol. É importante destacar ainda que alguns cenários não podem ser testados pelo número pequeno de informações, decorrência das poucas participações da dupla GreNal em alguns torneios ou da escalação de outros narradores da Rádio Gaúcha para certos jogos. Por exemplo, Pedro Ernesto narrou apenas uma final de Mundial de Clubes, na qual foi marcado apenas um gol e utilizada uma expressão contextual, uma amostragem pequena para definir padrões de narração para esse torneio, mas que entra nas análises mais globais, que envolvem fórmula de disputa e nacionalidade do adversário.

O último contexto experimentado pela pesquisa diz respeito às expressões de guerra utilizadas pelo narrador em gols anotados em clássicos GreNal. As

rivalidades regionais do futebol brasileiro são marcadas por jogos ríspidos e por episódios de violência nos gramados, nas arquibancadas e até nas ruas. Um dos exemplos mais recentes foi o GreNal disputado pela Copa Libertadores da América, na Arena do Grêmio, em 12 de março de 2020. A partida acabou com o marcador de gols zerado, mas com 8 expulsões ao todo e uma briga generalizada entre os jogadores no gramado. Outro episódio marcante relacionado a atos violentos em grenais foi o clássico disputado em 30 de julho de 2006, quando um dos banheiros químicos do estádio Beira Rio foi arremessado no fosso que separava o campo da torcida e foi incendiado por parte do público gremista presente. Esses dois casos citados são exemplos e provas de uma rivalidade muito emotiva entre os dois clubes da capital gaúcha, rivalidade essa que já foi considerada a maior do futebol Brasileiro. Em 2008, a Revista Placar, especializada em jornalismo esportivo, realizou uma pesquisa entre jornalistas brasileiros e estrangeiros para determinar qual o maior clássico do futebol nacional, sendo na ocasião, escolhido o GreNal como primeiro lugar. Por essa alta carga de emotividade, o clássico gaúcho disputado até então por 433 vezes, é um elemento de análise relevante para essa pesquisa.

Foram 15 gols analisados em grenais, dos quais foram calculadas novamente as médias de expressões de guerra totais, de expressões de estilo utilizadas e de expressões contextuais utilizadas.

METÁFORAS DE GUERRA EM GOLS - EM GRENAIS

Médias por gol

Média de Expressões de Guerra	Média de Expressões de Estilo	Média de Expressões de Contexto
0,46	0,00	0,46

Criado com Datawrapper

O fato do narrador não ter usado nenhuma expressão bélica de estilo não quer dizer que isso nunca aconteça em gols de grenais, mas revela uma preferência

pelo uso das expressões contextuais, já definidas anteriormente como uma linguagem mais emotiva. De 7 expressões de guerra utilizadas nos 15 gols, todas foram de contexto.

Ainda não é possível verificar com precisão outras combinações que poderiam revelar novos padrões, como os grenais em Libertadores da América, por exemplo, que aconteceram poucas vezes na história e ainda foram partidas com poucos gols marcados.

5.2 Quando contexto vira estilo

Na primeira etapa da pesquisa, foram analisadas as narrações de 15 jogos completos da dupla GreNal, nos quais os gaúchos marcaram ao todo 25 gols. Já na segunda etapa da pesquisa, somente narrações de gols foram ouvidas e analisadas, somando mais 84 e chegando ao total de 109 feitos. Esse aumento de gols entre um corpus e outro revelou uma tendência de recorrência também em algumas das expressões consideradas pela pesquisa como contextuais. Por isso, separei as expressões contextuais que se repetiram em algum momento e elenquei as mesmas em uma nova categoria, chamada Possíveis metáforas de estilo em contexto de gol.

Possíveis metáforas de estilo em contexto de gol

Expressão	Recorrência em gols na pesquisa
Destroçado/Destroçar (o time)	3x
Morrer (a bola) dentro da rede	2x
O homem-bomba	2x
Sendo abatido (o time)	2x
Chute mortal	2x
Fuzilou	2x
Matador	2x

Serão consideradas como “possíveis” por ainda apresentarem uma recorrência pequena, de três vezes em um dos casos e duas vezes em outras seis expressões. Esses dados por enquanto servem apenas como formulação de mais uma hipótese, de que existem também padrões de estilo nas expressões contextuais. Esse estudo pode ser aprofundado em outras pesquisas aumentando ainda mais o corpus de gols analisados e percebendo se os padrões são verdadeiros.

6. PÓS-JOGO: AS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Combinando a projeção oficial do IBGE sobre a população total do Brasil¹² e a pesquisa sobre o interesse do brasileiro em futebol, realizada pelo Instituto Datafolha e já citada na introdução da monografia, estima-se que 123.941.360 pessoas têm interesse sobre futebol em solo nacional. O envolvimento do brasileiro com o esporte trazido por Charles Miller a São Paulo, em 1894, e praticado exclusivamente pela elite do estado no primeiro momento, cresceu ao longo dos anos e atingiu um status de popularidade imensa com a contribuição de inúmeros agentes e situações.

Apesar de não ser possível contabilizar o quanto, é fato que a imprensa tem papel determinante nessa história, e por isso, tem responsabilidade também sobre a forma como trata o futebol para seu público e a cultura que ajuda a construir na relação com os torcedores, seu público mais fiel. Desde as crônicas passionais e imprecisas da década de 50, com Nelson Rodrigues como figura marcante, seguido pela apropriação desse estilo pelas rádios como forma de buscar o público de massa e, conseqüentemente, novos patrocinadores, o vocabulário da cultura futebolística brasileira segue sendo construído e modificado constantemente a partir de gírias, metáforas, jargões de campos sociais distintos e comparações que impactam a sociedade como um todo graças ao alcance que esse esporte conquistou ao longo dos anos. Por isso, busquei neste estudo compreender melhor de que forma é utilizada uma das alegorias mais enraizadas na cultura e no vocabulário do futebol, que é a comparação entre futebol e guerra em diversos aspectos.

Nas narrações futebolísticas de Pedro Ernesto Denardin, que representa a Rádio Gaúcha, líder de audiência no Rio Grande do Sul por 6 anos consecutivos, busquei padrões de uso dessa linguagem bélica atrelada ao futebol em jogos e gols da dupla GreNal. A pesquisa em questão permitiu descobertas jornalísticas e metodológicas, além de abrir caminhos para futuros estudos ainda mais completos sobre diversos tópicos levantados que vão de encontro aos interesses da comunicação e da sociedade como um todo.

¹² Consultado às 17:42:54 de 07/10/2021 no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a projeção era de 213.692.000 habitantes no Brasil.

A primeira percepção analisando o material coletado para pesquisa, é que as expressões de guerra utilizadas por Denardin ao narrar futebol podem ser divididas em duas categorias, sendo elas as expressões de estilo e as expressões de contexto. Isso acontece devido a repetição constante e independente de adversário, formato de disputa, competição ou qualquer outro fator do futebol, de algumas metáforas de guerra, as quais foram classificadas como de estilo. Enquanto isso, analisando 15 narrações completas de partidas diferentes, outras 9 expressões bélicas foram utilizadas apenas uma vez. Essas foram classificadas como contextuais, ou seja, algum elemento específico do jogo ou até um fator externo motivou o narrador a usar sua criatividade e utilizar um termo que não é comum no seu vocabulário de transmissão.

Analisando esses critérios de classificação, além das circunstâncias em que as metáforas apareceram durante a narração de Denardin e os significados conotativos das expressões usadas, foi possível verificar que grande parte das expressões contextuais estava presente em momentos de gol, quando o narrador utiliza técnicas das mais variadas para transmitir emoção ao torcedor. Assim, buscando por gols e momentos de maior emotividade no esporte, foi definido um segundo corpus da pesquisa: as narrações de 84 gols da dupla GreNal por Pedro Ernesto Denardin. Comparando o conteúdo encontrado nos dois corpus do estudo, foi possível chegar a afirmação metodológica de que a melhor forma para estudar a categoria das metáforas de guerra de estilo é analisando as narrações de partidas completas, enquanto para aprofundar o conhecimento nas expressões contextuais o método mais eficiente de coleta de dados é a análise de narrações de gol. Analisando partidas completas, 98,45% das expressões de guerra catalogadas foram de estilo, enquanto ao analisar apenas gols, considerando somente o segundo corpus, 71,43% das metáforas eram de contexto.

Com as expressões de guerra de estilo definidas na análise do primeiro corpus, foi possível definir o significado de cada uma delas quando empregadas no ambiente do futebol e chegar à primeira conclusão de conteúdo dessa categoria específica. Em sua grande maioria, as metáforas de guerra de estilo utilizadas por Denardin estão conectadas a fundamentos básicos do futebol, especialmente ao chute, à marcação, ao bloqueio de bola e ao roubo de bola. Isso também permite

afirmar que os itens dessa categoria tem como principal funcionalidade suprir algumas especificidades do rádio como meio de comunicação e da jornada esportiva como gênero. Conforme apontado, com base na obra de Perez (2014) e Soares (1994), a linguagem do rádio exige velocidade e simplicidade de entendimento, e que as metáforas são um recurso que pode ser utilizado nesse sentido. A linguagem de guerra de estilo empregada por Denardin substitui o nome de fundamentos do jogo com uma referência mais curta e que o público ligado à cultura do futebol consegue interpretar, ganhando, portanto, velocidade e mantendo o entendimento.

Com base na descoberta descrita no último parágrafo, também foram analisados os significados conotativos das expressões de guerra de contexto utilizadas em toda a pesquisa, compreendendo as narrações dos dois corpus (gols e partidas completas). Logo, foi verificado que as expressões contextuais utilizadas por Denardin estão ligadas na sua grande maioria aos momentos de emoção do futebol, por isso aparecem com muito mais recorrência em gols do que em outros momentos da narração e aumentam suas aparições em cenários como disputa de títulos, classificações, goleadas e rivalidades regionais. Esse é outro motivo citado por Perez (2014) para a utilização de metáforas pelos narradores, a transmissão de emotividade e a fidelização do ouvinte. Nessa categoria também se encontram os elementos de maior criatividade e entretenimento, características que ganharam importância ao longo dos anos devido à competitividade no mercado de futebol do rádio.

Com base em diversas comparações feitas no decorrer da pesquisa, é possível afirmar que as expressões de guerra contextuais são usadas com mais recorrência de acordo com alguns cenários diferentes do futebol. Foram analisados os parâmetros de recorrência dessas metáforas separando em categorias por campeonato, por fórmula de disputa, por nacionalidade do adversário e também foram analisados gol especificamente em clássicos GreNal. O único desses cenários que não apresentou resultados relevantes para definir padrões de recorrência nas expressões contextuais de Denardin foi a análise por nacionalidade do adversário. Portanto, primeiro foi definido que a recorrência desse uso é maior em narrações de gols da Copa Libertadores da América entre os campeonatos com dados suficientes para análise. Diversos fatores foram levantados como possíveis motivos para essa

constatação, como a presença de fases eliminatórias no torneio, a relevância maior da competição internacional em relação às nacionais da comparação e também a ligação histórica que o torneio tem com o ambiente das guerras. No segundo momento, foi definido que Denardin utiliza mais metáforas contextuais de guerra em partidas no formato mata-mata ou final, em relação à fórmula de pontos corridos. Como possíveis motivos para esses resultados, foi levantada a questão de que os gols e as vitórias apresentam uma emotividade muito maior quando valem uma classificação ou um título, o que não acontece nos campeonatos decididos por pontos. Já sobre o clássico GreNal, foi identificada uma grande preferência no uso das expressões de contexto, visto que nenhuma metáfora de estilo foi utilizada nas narrações de gols desse parâmetro.

Por fim, foi verificado que, ao subir o número de gols do corpus, de 25 para 109, as expressões contextuais, mesmo que com pouca recorrência, começaram a repetir suas aparições. Assim, foi configurada uma nova categoria, denominada Possíveis metáforas de estilo em contexto de gol. Essa categoria foi criada apenas como forma de motivação para uma futura continuidade da pesquisa, por não haver informações suficientes para tratá-la como um padrão confirmado, o que poderia acontecer aumentando ainda mais o corpus do estudo.

Dessa forma, é justificável afirmar que o problema da pesquisa foi respondido. Foi identificado que Denardin utiliza a linguagem bélica nas suas narrações de futebol de duas principais formas: como estilo, que agiliza a fala e facilita a compreensão do ouvinte com termos da sua bagagem cultural já enraizada; e de acordo com o contexto, para transmitir paixão e entretenimento em diferentes cenários.

Considerando toda a abrangência do futebol em território nacional e da Rádio Gaúcha no Rio Grande do Sul, a segunda forma de uso das expressões bélicas, ligada aos contextos, merece estudos mais aprofundados em parceria com outras áreas do conhecimento. O futebol é uma manifestação cultural do povo brasileiro, mas também é um ambiente marcado pela violência em diversos sentidos, portanto, todos elementos que fazem parte da construção dessa cultura, e especialmente o jornalismo, devem estar atentos para não agir contra os interesses da sociedade. Essa pesquisa não tem o objetivo de apontar a imprensa ou o profissional em

questão como determinantes para a violência nos estádio e no futebol em geral, mas em um ambiente reconhecido como violento, usar expressões que dizem figuradamente matar, destroçar e estrangular o time adversário talvez tenham impacto negativo na relação entre torcedores e clubes e é dever da comunidade acadêmica estudar esse impacto para garantir que ele não seja relevante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, João Batista de. Metáforas, hipérboles e metonímias, uma jogada de efeito – o discurso do radiojornalismo esportivo. **Anais do XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom)**. Campo Grande: UFMS, UNIDERP, UCDB, 2001.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

CAPINUSSÚ, José Maurício. **A Linguagem Popular do Futebol**. São Paulo: IBRASA, 1988.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2006.

CONMEBOL. **Copa Libertadores: História**. 2015. Disponível em:
<<https://www.conmebol.com/pt-br/copa-libertadores-2015-pt/historia>>

DALPIAZ, Jamile Gamba. **O Futebol no rádio de Porto Alegre : um resgate histórico (dos anos 30 à atualidade)**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 187. 2002.

ESPN. **Qual é o maior clássico do mundo? E o maior brasileiro?** 2015.
Disponível em:
<http://www.espn.com.br/blogs/gustavohofman/486605_qual-e-o-maior-classico-do-mundo-e-o-maior-brasileiro>

FERRARETTO, Luiz Artur. **Uma proposta de periodização para a história do rádio no Brasil**. Eptic – Revista de Economia Política das Tecnologias da Informação e Comunicação, Aracaju: Observatório de Economia e Comunicação da Universidade Federal de Sergipe, v.14, n. 2, maio-ago. 2012.

FERRARETTO, Luiz Artur. **1962 a Copa do Radinho de Pilha**. Porto Alegre, 2014.
in Uma história do Rádio no Rio Grande do Sul
<<http://www.radionors.jor.br/2014/03/1962-copa-do-radinho-de-pilha-2014-luiz.html>>

FERRARETTO, Luiz Artur. **A Cervejaria Brahma e a Cobertura Esportiva da Gaúcha**. Porto Alegre, 2013. in Uma história do Rádio no Rio Grande do Sul
<<http://www.radionors.jor.br/2013/08/a-mercejaria-brahma-e-a-cobertura-esportiva-da-gaucha.html>>

FERRARETTO, Luiz Artur. **A Fundação da Rádio Gaúcha em Fevereiro de 1927**. Porto Alegre, 2006. in Uma história do Rádio no Rio Grande do Sul
<<http://www.radionors.jor.br/2013/04/a-fundacao-da-radio-gaucha-em-fevereiro.html>>

GAÚCHA ZH. **Rádio Gaúcha completa cinco anos como líder de audiência**. 2020. Disponível em:
<<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2020/03/radio-gaucha-completa-cincoanos-como-lider-de-audiencia-ck7m89w0b034401pqytn98v5o.html>>

GLIENKE, Poliana Patrícia. **Transmissões Esportivas: a arte na narração radiofônica**. Orientador: Fábio Rochenbach. 2012. 47 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo. Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2012.

GRUPO RBS. **Seis vezes obrigado: Gaúcha celebra confiança dos gaúchos**. 2021. Disponível em:
<<http://www.gruporbs.com.br/noticias/2021/03/10/seis-vezes-obrigado-gaucha-celebra-confianca-dos-gauchos/>>

NETTO, J. Teixeira Coelho. **Semiótica, Informação e Comunicação**. São Paulo: Perspectiva, 1980.

PÉREZ, Alberto. **La Retransmisión del Fútbol en la Radio**. Barcelona: Fundación CIDIDA, 2014.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Estratégias da comunicação: questão comunicacional e formas de sociabilidade**. Lisboa: Presença, 2001.

RODRIGUES, Nelson. **A Pátria de Chuteiras**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira Participações. 2013.

SILVA, Ednelson Florentino da. **Narração esportiva no rádio: subjetividade e singularidade do narrador**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade de Taubaté, Taubaté, p. 118. 2008.

SOARES, Edileuza. **A Bola no Ar: o rádio esportivo em São Paulo**. São Paulo: Summus, 1994.